

O SUICIDIO

sob o ponto de vista social e moral

Nos ultimos tempos o suicidio tomou espantoso desenvolvimento em Portugal. A frequencia dos casos, impressionando desastrosamente o espirito publico, augmenta a tendencia contagiosa d'esta monomania ou aberração moral do instincto da destruição. E este mal ainda se aggrava mais com a qualidade social das victimas, — homens que pela sua posição, pela sua intelligencia ou pelas sympathias que desfructam, exercem accentuada influencia no meio em que vivem e sobre a sociedade em geral — como, por exemplo, commerciantes, escriptores publicos, professores da Universidade, alumnos das escolas superiores, e sobretudo membros considerados do clero catholico. Pertencem a estas classes as victimas que em menos de um mez causou uma tão terrivel aberração moral. A opinião publica sente-se agitada, preoccupa-se com estes symptomas de doença social, pede providencias, interroga a imprensa, — esse orgão, que a transição metaphysica arvorou espontaneamente em director espirital da sociedade contemporanea — e espera qualquer solução para o grave problema que se discute.

Esperará, porém, em vão. A imprensa com a sua defeituosissima organização actual, não está á altura das funcções que lhe attribuem, não satisfaz as necessidades mentaes do povo como orgão

moralizador e disciplinador das ideias e dos costumes. As causas principaes d'esta incapacidade do jornalismo reduzem-se a duas. Primeira, a incompetencia dos que escrevem por falta de uma educação scientifica, quer total, como na maioria dos jornalistas, quer especialmente sociologica, nos que levam para a politica o ponto de vista particular das mathematicas ou das sciencias biologicas; em ambos os casos a ausencia do criterio positivo de conjuncto, torna-os inaptos para apreciarem todas as questões da existencia social. Segunda, a exploração immoralissima da curiosidade publica pela minuciosa relação das occorrencias diarias, dos crimes, dos escandalos domesticos, pelos reclames inconscientes e anonymos, pelos annuncios, pelos folhetins de critica futil e pertenciosa, pelos romances de aventuras, etc. etc. Com o suicidio acaba a imprensa de dar mais uma prova da sua incapacidade.

Ha mezes, as tentativas repetidas de suicidio, impressionando a opinião publica, levaram os jornalistas a fazer um pacto contra a publicação de taes noticias, que, como elles diziam, contribuiam para augmentar o numero de casos. É, de facto, pernicioso o effeito produzido pela publicidade dos suicidios, assim como de outras occorrencias, — homicidios, roubos, scenas deshonestas, — ás quaes se deveriam estender as condições do pacto. Todos os jornaes de Lisboa accetaram o accordo, proposto apenas para as noticias de suicidio, mas alguns illudiram-o desde logo, divulgando esses tristes acontecimentos sob um veu tão transparente, que só não via através d'elle quem fosse completamente destituído de raciocinio, isto é, os individuos menos dispostos a deixarem-se impressionar de um modo fatal por semelhantes noticias. Era, portanto, inutil o pacto. Apressaram-se mesmo a rompelo de vez, quando na lista dos suicidas se vieram inscrever nomes illustres pelo saber e pela posição social, despertando fortemente a attenção do publico. A imprensa, com a sua inconsciencia costumada, mudou de rumo; esquecendo as razões do pacto, deante d'essas victimas notaveis, fez a apotheose dos infelizes, louvou as suas virtudes, engrandeceu as suas qualidades, elogiou as suas obras, promoveu manifestações imponentes de sympathia junto dos cadáveres, sem reparar que fazia ao mesmo tempo a apologia do suicidio, que o recommendava, que se tornava emfim o propagador antipathico da ideia da destruição pessoal. Incoherencias proprias do estado de desorganisação mental que atravessamos!

É occasião agora de se tratar este assumpto sob o ponto de vista social e moral. O que o jornalismo metaphysico e indisciplinado não fez, tentemos nós fazel-o pondo a questão no seu verdadeiro campo. Indaguemos a origem do suicidio, as suas manifestações nas differentes phases da evolução social, as medidas tomadas con-

tra a sua frequencia e os meios que se devem adoptar contra o seu desenvolvimento crescente nas sociedades modernas. O positivismo lança toda a luz sobre estes problemas.

I

O suicidio tem sido considerado por muitos como um acto de coragem, uma manifestação de energia, a solução extrema de um espirito forte; por outros, pelo contrario, como o indicio de fraqueza, de falta de character, como a solução preferida pelos cobardes, por aquelles que não têm animo de arrostarem com os azares e contratempos da vida. Emquanto a nós, o suicida não é um forte, nem tão pouco um cobarde; é simplesmente um hallucinado, um doente em cujo cerebro a ideia da destruição pessoal adquiriu tal persistencia que suplanta todas as mais, tornando-se soberana. O suicidio nasce da aberração do instincto natural do aperfeiçoamento, commum aos homens e aos animaes. Esse instincto manifesta-se tanto pelo espirito de destruição, como pelo espirito de construcção e tem pela sua mais completa expressão, no primeiro caso o militarismo, e no segundo o industrialismo.

A destruição da caça empregada como alimento, dos animaes ferozes que ameaçam a existencia individual, das tribus visinhas que hostilizam a população, foi uma causa fundamental do aperfeiçoamento humano, quer particular, quer colectivo. As guerras tiveram por longo tempo o mesmo character; serviram para melhorar a humanidade, physica, moral e socialmente, embora com o decorrer dos seculos se convertessem em agente retrogrado e difficil-tassem cada vez mais o desenvolvimento da civilização. O suicidio teve identica origem. «Destrui, diz Lacassagne, é afastar os obstaculos que se oppõem á realisação de um desejo. O instincto que nos leva a isso e que se póde chamar o instincto da destruição, torna-se o instincto do assassinato quando o obstaculo é um de seus semelhantes, e a inclinação para o suicidio, quando encontra em si mesmo o obstaculo. Impellido por um movel poderoso, ordinariamente egoista, o instincto destruidor se volta então contra o da conservação pessoal. O individuo destroe-se para escapar a uma dôr vivissima, a uma ferida da vaidade ou do orgulho, ás torturas do ciume, algumas vezes aos soffrimentos de uma ligação quebrada. Em todos os casos o suicidio é o resultado do desespero ¹.»

¹ *Précis de médecine judiciaire*, pag. 437.

O animismo, as ideias de uma vida posterior a esta no paiz *d'além*, de uma vida futura, superior, celestial, de uma vida melhor que a vida terrestre, contribuíram de certo muito para a frequência do suicidio, porque este era um meio facil de abandonar os trabalhos rudes da existencia pelos gosos idealizados da bemaventurança. Por outro lado o scepticismo, a descrença absoluta, o mysticismo do *nihil* leva a identico resultado, pondo a inconsciencia e o socego do *não ser* acima das dôres e das luctas do *ser*. Em ambos os casos o suicidio é, como dissemos, uma aberração do instincto do aperfeiçoamento. A destruição do proprio sér effectua-se para se obter um estado melhor, ou, como diz H. Taine, « quando a dôr toca o extremo, o homem refugia-se em todos os asyls, até no suicidio, até na loucura ».

Alguns animaes domesticos, como o cavallo e o cão, não são inteiramente extranhos ao suicidio, apesar de varios auctores qualificarem este acto como um distinctivo do pertencioso reino humano. Citam-se vulgarmente muitos casos de cães, que manifestam tanta amizade por seus donos, mortos ou assassinados, que se deixam morrer á fome sobre a sepultura ou ao lado do cadaver, recusando todo o alimento. E semelhante facto toma para nós maior importancia ao sabermos que é extremamente raro o suicidio entre as creanças e os selvagens, como nota Buchner ¹.

Comtudo, entre os selvagens, encontra-se algumas vezes o suicidio como uma pratica usada pelos velhos, quando se sentem enfraquecidos e impossibilitados de ajudar as tribus na caça e nas luctas com os povos visinhos. Na Nova Zelandia, como entre outras populações selvagens, os indigenas não queriam deixar o defuncto chegar só ao paiz *d'além* e suicidavam-se alguns para o acompanhar. Quando a mulher do morto se enforcava espontaneamente n'uma arvore, para que o marido não partisse só, este procedimento era muito louvado e admirado por toda a tribu ². Nas ilhas de Sandwich, onde se praticava o suicidio funerario, onde havia victimas obrigatorias e se faziam voluntariamente mutilações, quando morreu Tamehameha, varias pessoas da sua maior intimidade suicidaram-se para o acompanhar na viagem para o outro mundo ³. Os Kamts-

¹ *L'homme selon la science*, pag. 301.

² Dumont d'Urville, *Hist. univ. des voy.* xviii, pag. 269; Letourneau, *Sociologie*, pag. 218.

³ Beechey, *Hist. univ. des voy.* xix, pag. 347; Letourneau, *ibid.*, pag. 219.

chadales crêem na vida futura, onde não de desfructar um descanso inviolavel; para a gôsarem mais depressa suicidam-se ou obrigam seus proprios filhos a estrangulal-os ¹.

Na India o suicidio tinha o caracter de protesto. O homem, que perde um processo ou soffre uma injustiça, mata-se, para que o seu sangue cáia sobre a cabeça do offensor. Contra a oppressão despotica dos rajahs, o recurso extremo das populações consistia em reunirem-se silenciosamente as familias em frente do palacio do senhor e deixarem-se ahí perecer á fome, se não obtinham o que esperavam ². O dominio inglez modificou este costume, filho de um exagerado mysticismo religioso e de uma indolencia excepcional. As leis de Manú tratam largamente da morte voluntaria dos Brahmanes, preparada pelo viver retirado nas florestas e pelo esquecimento gradual das coisas do mundo. Como observa Michelet ³, podem-se approximar estes textos dos antigos textos sobre o suicidio dos gymnosophistas, de Galanus deante de Alexandre. É eloquente o confronto. O suicidio, bem longe de ser condemnado, merece entre todos os povos antigos uma distincção singular. Na Grecia a seita dos estoicos, a severa escola do Portico, honrava o suicidio; muitos cidadãos, cujo nome glorioso adorna as paginas da civilisação hellenica, deixaram voluntariamente a vida.

O suicidio, diz Voltaire, « não era auctorisado entre os Gregos, nem entre os Romanos por alguma lei; mas tambem nenhuma havia que o punisse. Pelo contrario, os que se matavam, como Hercules, Cleomenes, Bruto, Cassio, Arria, Peto, Catão, o imperador Othão, foram considerados como grandes homens e como semi-deuses ⁴ ».

Roma, adoptando as ideias philosophicas da Grecia, não podia deixar de honrar egualmente o suicidio; d'ahi o conhecido decreto: *Mori licet cui vivere non placet*. O direito romano tinha de ser necessariamente indulgente com os suicidas. Houve apenas uma excepção. Quando a morte se buscava como um meio de fugir a uma punição capital, a lei intervinha para confiscar os bens do suicida. Frequentes vezes, porém, a auctoridade e o reu de um crime de pena ultima, quando este era opulento, faziam um compromisso pelo qual o criminoso fugia do supplicio pelo suicidio a troco de

¹ *Races of Man* by Peschel, pag. 390; Letourneau, ob. cit., pag. 253.

² Letourneau, ob. cit., pag. 158.

³ *Origines du droit français*, pag. 417.

⁴ *Œuvres*, t. vi, pag. 64.

uma forte somma; assim podia morrer abrindo as veias n'um banho perfumado.

Os Hebreus, durante longos seculos, quasi desconhecerao o suicidio; comtudo as suas leis, ao contrario do que succedia na Grecia e em Roma, condemnavam-o, castigando os culpados com a privação das honras posthumas. É a primeira reacção moral contra o suicidio, fundada na consideração de que sendo a vida um presente de Deus, só Deus tem direito a tiral-a, quer directamente, quer por intervenção dos seus delegados.

O catholicismo, aceitando esta lei contra os suicidas, aperfeicou-a e deu-lhe toda a sua sanção moral e religiosa. Os concilios e os padres da Igreja são unanimes na anathematisação do suicidio. Santo Agostinho compara-o ao homicidio commettido sobre outrem. S. Thomaz d'Aquino vae mais longe; acha-o ainda mais condemnavel. Assim a Igreja catholica excommunga os suicidas e priva-os da sepultura em terreno sagrado. Esta lei, que tem sido tão mal apreciada pelos revolucionarios metaphysicos, é na realidade uma das maiores glorias do catholicismo. Sem ella, o suicidio tomaria na idade media um desenvolvimento assombroso; podemos avaliar os effeitos d'esse mal epidemico pelas proporções assustadoras que a *acidia* tomou n'alguns conventos.

«Os suicidios são sempre communs entre povos corrompidos», escreveu Châteaubriand. Na passagem do polytheismo para o monothicismo, a dissolução romana tocou o extremo; os suicidios multiplicaram-se, tanto pelo *tædium vitæ vel impatientia doloris*, que Seneca nos descreve, como pela influencia desastrada das doutrinas materialistas n'uma época de completa decadencia. A miseria geral das populações, os soffrimentos causados pelas invasões dos barbaros, e mais tarde as luctas constantes dos senhores feudaes e a dura tyrannia exercida sobre os servos, predispunham fatalmente os espiritos para o suicidio. Demais o ideal da bemaventurança celeste, a esperanza de uma sonhada egualdade, tão differente da ordem feudal, impellia os miseraveis, os que soffriam, para essa morte ambicionada como a redempção. A lei severissima da Igreja catholica era portanto um bem, punha um obstaculo ao desespero extremo das grandes dôres. A influencia moral d'esta interdicção foi realmente decisiva e benefica, apezar do seu character absoluto. Constituiu um enorme progresso social, como Augusto Comte admiravelmente o comprehendeu ¹.

¹ *Système de politique positive*, vol. III, pag. 451; *Cours de Phil. positive*, vol. V; e *Principios de Ph. positiva*, vol. II, pag. 121.

O direito civil da idade media seguiu o exemplo do direito canonico e deu força ás deliberações dos concilios. Estabeleceu penalidades posthumas para os suicidas; os cadaveres ficavam sujeitos a supplicios infamantes, a tractos e a ultrajes de toda a ordem, para exemplo dos que pertendessem de futuro imital-os. No seculo XIII, o corpo do suicida, em França, era enforcado, arrastado pelos campos e victima de innumeradas offensas. Estes usos barbaros perpetuaram-se. No reinado de Luiz XIV ainda o supplicio se effectuava do seguinte modo: o cadaver era amarrado a um carro e levado de rastos com a cabeça por cima das pedras, em seguida enforcavam-no pelos pés, e por ultimo atiravam-o para o monturo. Além d'isto havia a confiscação de bens, consequencia natural da sentença, em que se declarava um homem convencido de homicidio sobre si proprio. Em Inglaterra o suicidio era considerado como um crime de natureza especial, *felonia de se*¹. As disposições do *Ancien Costumier de Normandie* contra o suicidio passaram textualmente para as leis inglezas medievas. N'estas leis a confiscação dos bens do suicida é só parcial.

As leis civis sobre o suicidio obliteraram-se com a decadencia e a eliminacão das instituções feudaes, mas nos paizes catholicos ficou de pé até nossos dias a interdicção geral de uma pratica inteiramente contraria ao espirito da época, porque, segundo Comte, «quanto mais a vida futura perde a sua efficacia moral, tanto mais importa que todos os individuos se conservem ligados á vida real²». O negativismo metaphysico combateu irracionalmente a condemnação ecclesiastica do suicidio, voltando ás ideias da antiguidade greco-romana que lhe eram favoraveis. Esta reacção foi tão violenta e a doutrina que servia de base á lei catholica era tão fraca por derivar de principios sobrehumanos, que a Igreja viu-se forçada a transigir e a violar frequentes vezes os decretos dos concilios, prestando honras funebres e permitindo a sepultura em sagrado aos suicidas.

II

Como vimos, o suicidio representa uma aberracão do instincto do aperfeicamento pela destruição. Devia, portanto, acompanhar na sua evolução o militarismo, decahindo quando as guerras tambem perdessem o seu caracter primitivamente civilizador. Foi na

¹ Glasson, *Hist. du droit et des inst. pol., civ. et jud. de l'Angleterre*, vol. III.

² *Principios de Phil. positiva*, vol. II, pag. 121.

realidade o que succedeu. Na phase polytheista greco-romana, quando o elemento guerreiro alcançou o seu apogeu, o suicidio teve tambem o seu momento de gloria. O estoicismo levantava-o como um acto superior. Os grandes cidadãos suicidavam-se pelo amor da patria. Os philosophos abandonavam contentes a vida por uma ideia. O suicidio era uma prova de heroismo. Catão immortalisou-se por esta fórma. Mas n'essa época «a constituição da sociedade e da familia era bem differente do que ella é hoje, em que se nota, ao contrario, a intervenção de preocupações pessoais e de desgostos domesticos ¹». Então, estes motivos levavam menos vezes ao suicidio. Na idade media o militarismo converteu-se de conquistador e offensivo em essencialmente defensivo; ao mesmo tempo o suicidio perde o seu caracter nobre e grandioso; é justamente condemnado pela Igreja e pela sociedade civil, equiparado ao homicidio sobre o proximo e submettido á severidade judicial. Desde então só conseguem desculpa, e mesmo louvor, os suicidios praticados heroicamente com um intuito social, como por exemplo o do commandante de uma praça ou de um navio que prefere a morte a cahir nas mãos do inimigo. Salvo este caso excepcional, — retrogrado, como a guerra que o motiva, — o suicidio entrou para sempre na classe dos crimes que a sociedade reprova e as leis punem com maior ou menor rigor, taes como o assassinato, o roubo, os attentados contra o pudor, etc.

Na opinião de quasi todos os physiologistas modernos o suicidio é um acto de loucura, a consequencia fatal de um estado pathologico incontestavel. De facto, o desespero procede de um estado de cerebro anormal, doente, violento, uma verdadeira hallucinação. Dante, com a intuição do genio, poz os suicidas no setimo circulo do *Inferno* a par dos violentos contra o proximo, tyrannos, salteadores e assassinos, e dos violentos contra Deus, contra a natureza e contra a sociedade, impios, sodomitas e usurarios:

L'animo mio per disdegnoso gusto,
Credendo col morir fuggir disdegno
Ingiusto fece me contra me giusto.

(Canto xiii).

Não se pôde contestar que o suicidio tem uma causa patholo-

¹ Lacassagne, *Précis de médecine judiciaire*, pag. 438.

gica, principalmente ao vermos dar-se com um caracter hereditario em duas e tres gerações successivas, ou com um caracter epidemico, como nos mosteiros da idade media, no exercito ¹ e com tanta frequencia na nossa sociedade em consequencia da leitura dos suicidios nos jornaes.

Os apologistas e os defensores d'este acto de loucura, fundando-se no reconhecimento do estado pathologico do suicida, negam a qualificação de crime que vulgarmente se lhe dá. Não se lembram, porém, que muitos physiologistas attribuem todos os crimes sem excepção a um estado anormal do cerebro, quer momentaneo, quer originario. Todos os actos declarados criminosos, são assim denominados sob o ponto de vista social, isto é, em relação aos effeitos perniciosos que causam no seio da sociedade. O suicidio merece a qualificação de crime, porque o individuo que põe termo aos seus dias não faz sómente mal a si; os interesses da familia são quasi sempre offendidos e sobretudo, em todos os casos, a sociedade perde um de seus membros e soffre todas as consequencias inherentes á mesma perda pelas multiplas relações de cada individuo com os seus concidadãos.

Assim, o suicidio não se deve considerar apenas sob o ponto de vista psycho-physiologico; o criterio social é o mais importante, mesmo porque o maior numero de causas que actuam sobre o suicida são de ordem sociologica. O individuo mata-se de ordinario quando desgostos domesticos o ferem profundamente, quando interesses commerciaes ou economicos o collocam em condições difficeis ou menos dignas, quando uma situação ganha por meios pouco honrosos se desmorona, pondo a descoberto a infamia, ou enfim quando quaesquer outros motivos sociologicos vêm agitar turbulentamente o espirito. A importancia do ponto de vista social, superior ao dos physiologistas, viu-a bem Des Etangs, que escreve na introdução ao seu livro sobre o suicidio ²: « Se para elles o suicidio não é senão um facto pathologico, puramente individual, que não deve transpôr o recinto de uma casa de saude, é para nós, an-

¹ « ... conhece-se a historia d'essa guarita isolada sobre as muralhas d'uma fortaleza, na qual as sentinellas se suicidavam quasi fatalmente, sem duvida debaixo da influencia da tristeza da paizagem, da solidão e da lembrança de um suicidio anterior realisado n'esse sitio. Queimou-se a guarita e o mal foi cortado pela raiz. » Decaisne et Gorecki, *Dicc. de medecine*, p. 845.

² *Du suicide politique en France depuis 1789 jusqu'à nos jours.*

tes de tudo, um facto social, onde o individuo só intervem para dar uma forma mais definida, mãis precisa a soffrimentos mais geraes, soffrimentos moraes e materiaes que accusam altamente os vicios das nossas instituições e a impotencia das nossas leis ». Eis collocada a questão no seu verdadeiro campo.

Os defeitos da organização social reagem sobre os individuos. Não nos devemos esquecer que estamos n'uma época de transição; o monotheismo catholico chegou ao termo da sua desorganização, arrastando na sua decadencia todas as instituições que n'elle fundaram os seus alicerces. A metaphysica, que dissolveu as doutrinas da Igreja e destruiu a realza, era fundamentalmente negativista; tendo os mesmos defeitos de origem que o theologismo, não possuia elementos constructores. Estes só podiam ser trazidos pela sciencia social, de todas as sciencias a mais complexa e a ultima a organizar-se, o que se effectou no segundo quartel d'este seculo. Antes que oriente todas as intelligencias e que conquiste todas as consciencias, a nova doutrina tem de atravessar um largo periodo de desenvolvimento gradual e progressivo, durante o qual a grande massa do povo continuará agitando-se tormentosamente na indisciplina intellectual, moral e social em que a lançou a queda do catholicismo. É esse mal-estar, proveniente de uma sociedade sem instituições solidas, debatendo-se na dissolução geral dos costumes, dos sentimentos e das opiniões, que actua fortemente sobre os espiritos e os arrasta irremediavelmente, quando fracos ou em circumstancias violentas, ao desespero, á loucura e emfim ao suicidio. A litteratura, sob o dominio da pedantocracia romantica, contribuiu immensamente para augmentar a corrupção intellectual e moral com o derramamento de ideaes ficticios e phantasiosos, que serviram só a desconcertar as imaginações femininas e juvenis, lançando-as no abysmo da decepção pelo desaccordo profundo entre a vida sentimentalista dos romances e a vida real e pratica.

O grande genio de Goethe não escapou á influencia deprimente de uma sociedade em dissolução; o *Werther*, que tantos suicidios originou, foi a obra dos seus maus dias, como elle o confessa n'estas palavras: « Praza a Deus que nunca me torne a encontrar na situação de espirito em que tive necessidade de compôr uma semelhante obra! É um documento do estado moral de uma epocha historica, estado moral que se prolongou até á actualidade. « Declaro-o com amargura, com assombro! escreveu Charles Nodier, a pistola de *Werther* e o machado dos carrascos já nos dizimaram. »

A grande crise social agrava-se de mais em mais, á proporção que perde o character agudo para se tornar chronica e permanente. Um dos symptomas mais evidentes e mais pronunciados é o acrescimo gradual que se nota na estatistica dos suicidios; em meio se-

culo a cifra triplicou em França ¹ e provavelmente em toda a Europa, pois que o clima nada influe sobre o suicidio. A maior parte dos suicidios dão-se entre 40 e 60 annos; contam-se 30 suicidios femininos por cada 100 do sexo masculino; os suicidios dos homens tornam-se mais frequentes na primavera e os das mulheres no outono, o maximo, porém, para ambos os sexos é no verão e o minimo no inverno. Mais de metade dos suicidas são de ordinario celibatarios e as causas determinantes, no maior numero de casos, encontram-se nas doencas cerebraes, na miseria, nos desgostos domesticos, e n'outros soffrimentos moraes.

Como vêmos, as verdadeiras causas fundamentaes pertencem ao meio social. O suicidio, sendo uma consequencia da reacção da sociedade sobre o individuo, produz, além do desastre pessoal, uma influencia maior ou menor na esphera da sua acção, tanto pelas relações puramente domesticas, como pelas relações mais extensas e mais importantes com o organismo social, em que vivia. Portanto, sendo um mal de origem social e tendo effeitos mais ou menos vastos igualmente sociaes, os obstaculos ao seu desenvolvimento ou contagio têm de proceder da mesma fonte. O criterio moral indica-nos os processos.

A civilização catholica chegou ao extremo da sua decadencia, como se prova n'esta questão particular, de que agora nos occupamos, pelo abandono feito pelo clero do seu justo rigor ecclesiastico contra os suicidas. A indulgencia geral, que a Igreja actualmente manifesta para com elles, prestando-lhes as honras funebres destinadas aos que morrem no gremio catholico, significa que ella se vê obrigada a transigir com o espirito revolucionario para prolongar a sua existencia. A influencia moral do christianismo acha-se completamente perdida, pois não só vimos ultimamente um ecclesiastico portuguez dos mais considerados pela sua intelligencia e

¹ Eis o numero dos suicidios em França em cincoenta annos (1826-1876):

De 1826 a 1830	houve a média de	1.739
De 1831 a 1835	»	2.263
De 1836 a 1840	»	2.574
De 1841 a 1845	»	2.951
De 1846 a 1850	»	3.446
De 1851 a 1855	»	3.639
De 1856 a 1860	»	4.002
De 1861 a 1865	»	4.661
De 1866 a 1869	»	5.198
De 1870 a 1876	»	5.089

Sobre este assumpto veja-se Lacassagne, ob. cit.; Edmond Douay, *Le suicide*; Des Etangs, *Du suicide politique en France depuis 1789 jusqu'à nos jours*; Legoyt, *La France et l'Etranger*; etc.

pelas honras adquiridas, pôr termo aos seus dias, desprezando a excommunhão da Igreja, como também os seus collegas, esquecendo a interdicção dos concilios e attentando contra a propria auctoridade moral, acompanharem o cadaver do suicida e concederem-lhe officios funebres. Desde este momento, como podem os sacerdotes catholicos exigir o respeito e a veneração dos fieis, se um dos seus membros se suicida e se os demais sancionam o suicidio pondo de lado os decretos da Igreja?

Assim, perdida a força moral do christianismo, lançada a sociedade n'uma dissolução geral, e não tendo ainda surgido o novo poder espiritual e moral, por ora sómente esboçado, como pôr peias á progressão do suicidio?

Lacassagne appella para a auctoridade civil e politica. « Muitos individuos suicidam-se por imitação, e a leitura dos suicidios nos jornaes faz germinar em certas cabeças uma ideia que não se teria ahí desenvolvido espontaneamente. Esta publicidade é prejudicial; pedimos com instancia que seja prohibida pela auctoridade. Esta tem a missão de impedir a narração de factos contrarios á moral ou á saude publica¹ ». Approvamos esta medida, apesar de nos parecer um tanto inefficaz; as noticias do suicidio, como quaesquer outras, propagam-se com notavel rapidez entre nós. Não basta, portanto, semelhante prohibição.

Sendo o augmento de suicidios devido á grande crise que atravessamos, convem antes de tudo apressar a sua solução, derramando ideias justas e claras de modo a facilitar o triumpho completo da nova doutrina, positiva e reorganizadora. Começar-se-ha, portanto, por reformar as opiniões e os costumes, depois do que espontaneamente se alcançará a regeneração da sociedade. Estabelecida esta em melhores bases, em alicerces solidos e definitivos, o bem-estar social estende-se a todas as classes, familias e individuos, eliminando o suicidio, como outros vicios da nossa constituição presente. Preparemos esse estado normal.

Em substituição á interdicção do suicidio pela Igreja catholica, á excommunhão e á perda de sepultura em sagrado para os suicidas, vote-os a consciencia publica ao desprezo, não lhes tribute honras funebres de sentimento e de saudade, condemne-os irremissivelmente como homicidas e ladrões, por quanto todó aquelle que attenta contra os seus dias é um homem que faltou vergonhosamente aos deveres para consigo proprio e para com a humanidade.

Com immensa razão disse Proudhon: *Le suicide est une banqueroute frauduleuse.*

TEIXEIRA BASTOS.

¹ Ob. cit., pag. 446.

PEQUENO ESTUDO SOBRE O CONTO DA CAROCHINHA

Na linguagem popular existe uma locução generica para significar toda a classe de tradição imaginosa, desde a lenda local ou pessoal até á simples parlenda infantil, — *historias da Carochinha*. De facto os contos ou *historias da Carochinha* são ignorados por aquelles que empregam a locução com um certo desdem pejorativo. Na *Feira de Anexins*, de Dom Francisco Manoel de Mello, do meado do seculo xvii, acha-se uma preciosa referencia á *Historia da Carochinha*, como sendo o feitiço e encanto das creanças:

« — Espere ; contar-lhe-hei uma historia.

— A da *Carochinha*?

— Não buscará outra mais cara, que essa é muito barata?

— Pois digo-lhe, que ainda com a carocha, *esta historia é o feitiço das creanças.* » ¹

N'este trechô ha dois equívocos seiscentistas, o da relação entre *carochinha* e *barata*, (contraposição de *caro* com *barato*) e o da *carócha* com a mitra de ignominia que a Inquisição enflava na cabeça dos desgraçados que atirava ás fogueiras. O que nos interessa aqui é a referencia ao gosto das creanças por esta historia, no seculo xvii, enlevo ainda vigorosissimo na vida domestica actual. A *Historia da Carochinha*, apresenta na tradição portugueza diver-

¹ Op. cit., (edição de Lisboa), pag. 8.

sos estados de conservação; em Coimbra a sua primeira parte achase dissolvida em prosa, tendo o final na sua fôrma de lengalenga ainda a estrutura poetica; ¹ na ilha da Madeira repete-se uma versão inteiramente poetica, mas um pouco obliterada na sua parte final. ² Dos Açores recebemos algumas versões, entre ellas uma mais completa, que publicamos. Em um entremez, *Récipe de pdo*, (1792) achamos uma referencia ao texto da Carochinha: «está pósta todo o dia áquella janella, com uma mão sobre a outra, feita a *Carochinha*, e não se envergonha, sendo uma mulher viuva, e estar com os penteados tão indignos ao seu caracter.» ³ Eis a parlenda tal como anda nas versões insulanas:

A Carochinha

Era uma vez
A Carochinha,
Achou cinco reis
Ao varrer da cosinha.
A Carochinha
Poz-se á janella
A vêr quem queria
Casar com ella:

« Quem quer casar
Com a Carochinha,
Que ella é fermosa
E bonitinha ?

Passou um porco :
— Quero-vos eu !
« Que comes tu ?
— Do que Deus deu.
« Fô, fô, ó porco,
Eu não te quero ;
Melhor marido
Que tu espero.

Quem quer casar
Com a Carochinha,
Que ella é fermosa
E bonitinha ?

Passou um cão :
— Quero-vos eu !
« Que comes tu ?
— Do que Deus deu.
« Fô, fô, ó cão,
Eu não te quero ;
Melhor marido
Que tu espero.

Vão passando o boi, o gato e outros animaes, e ella sempre :

Quem quer casar
Com a Carochinha,
Que ella é fermosa
E perfeitainha ?

Passou um rato :
— Quero-vos eu !
« E tu que comes ?
— O bom é meu.
« A ti, ó rato,
A ti eu quero ;
Melhor marido
Não no espero.

Casaram-se, e elle chamava-se o João Ratão.

¹ *Contos populares portuguezes*, de Coelho, pag. 4 a 5.

² *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, por Alvaro Rodrigues d'Azevedo.

³ Tambem nos Ineditos de Alexandre de Gusmão, pag. 274, se lê: «Di-go que tudo são *historias da Carochinha*, e que sei mui bem o que sei.»

Domingo á missa
Ambinhos vão ;
Feijões ao lume
No caldeirão.
Viu-se a Carochinha
Sem leque na mão :
« Carochinha sem leque!
Que não dirão?
Vae-me por elle,
Meu João Ratão.

Chega elle a casa
Vae ao caldeirão,
Metteu um pé,
Metteu a mão,
Cahi lá dentro
O João Ratão.
Acabou a missa ;
Carochinha então
Veiu sem leque
Nem João Ratão,
Procura na casa,
Vae ao caldeirão...

« Ai meu marido,
Meu João Ratão
Cosido e assado
No caldeirão!

Pergunta a tripeça
Do pé do lar :
— Que tens, Carochinha,
Que estás a chorar ?
« Morreu João Ratão
E eu estou a bradar.
— E eu que sou tripeça
Ponho-me a dançar.

Diz d'ali a porta :
— Que tens, tripeça,
Que estás a dançar ?
— Morreu o João Ratão,
Carochinha a chorar,
E eu que sou tripeça
Puz-me a dançar.
— E eu que sou porta
Ponho-me abrir e a fechar.

Diz d'ali a trave :
— Que tens tu, ó porta,
A abrir-te e a fechar ?
— Morreu o João Ratão,
Carochinha a chorar,
A tripeça a dançar,

E eu que sou porta
Puz-me a abrir e a fechar.
— « E eu que sou trave
Vou-me quebrar.

Diz d'ali o pinheiro :
« — Que tens tu, ó trave,
Que te estás a quebrar ?
— « Morreu o João Ratão,
Carochinha a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
E eu que sou pinheiro
« — E eu que sou pinheiro
Vou-me arrancar.

Vem os passarinhos :
« Que tens tu, pinheiro,
Para te afrancar ?
« — Morreu o João Ratão,
Carochinha a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave a quebrar,
E eu a m'arrancar.
« Nós os passarinhos
Tirámos os olhinhos.

*Elles foram beber agua e pergun-
tou a fonte :*

« Porque foi, passarinhos,
Que tirastes os olhinhos ?
« Morreu o João Ratão,
Carochinha a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar ;
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
E nós os passarinhos
Tirámos os olhinhos.
« E eu que sou fonte
Vou-me seccar.

*Vieram os filhos do rei com os
cantarinhos e acharam a fonte secca :*

— « Que tens tu, fonte,
Para te seccar ?
« Morreu o João Ratão,
A Carochinha a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar ;
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se ;

Os passarinhos,
Tiraram os olhinhos,
E eu que sou fonte
Não havia de seccar ?
— « E nós, infantinhos,
Quebrámos os cantarinhos.

*Foram os principes para palacio
e perguntou a rainha :*

« — Que tendes, meninos,
Que quebraes os cantarinhos ?

— « Morreu o João Ratão,
A Carochinha a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar ;
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se ;
Os passarinhos
Tiraram os olhinhos,
E nós quebrámos
Os cantarinhos.
« — E eu que sou a rainha
Ponho-me em fraldinha,
E o rei com pezar
Poz o seu cú a assar.

(Porto, e ilha de S. Jorge).

Hollywell, nas *Nursery Rhymes* dá a este genero novellesco o nome de historias de accumulção, a cujo typo pertencem o conto do *Macaco*, a *lenga-lenga do Gatinho*, a da *Formiga e da Neve*,¹ verdadeiramente universaes.

O casamento da Carochinha com o rato ou João Ratão, parece-nos absurdo ; mas desde que encontrámos este conto na versão italiana em que o rato se chama *sorcio* e *serece*, inferimos que existem relações entre estes nomes, podendo assim remontarmo-nos a uma tradição mais antiga. Nos *Contos e Cançonetas infantis de Pomigliano*, colligidos por Vittorio Imbriani, e publicados em 1877, acha-se este conto da *Serece* ou da *Carochinha*, muito semelhante á tradição portugueza. Eis o seu resumo: « Uma velhinha achou uma pequena moeda, e depois de matutar em que a gastaria comprou alvaiade e carmim para pôr na cara, e pôz-se á janella. Passam diversos animaes (tantos quanto se quer) que a pedem em casamento, e ella diz-lhes :

— Deixai-me ouvir a voz que tendes.

O asno zurra, o cão ladra, o gato mia, o touró berra, e assim por diante. A velhinha responde a cada um d'elles :

— Vós metteis-me medo de noite.

Veiu o rato, que se pôz aos guinchos cheios de ternura. A velhinha casou com o rato, e no dia que ella foi á missa deixou-o perto da panella do jantar, recommendando-lhe que não lhe tocasse. Quando chegou a casa, não encontrou o marido. Procurou-o por toda a parte (aquí abundam as particularidades) e acabou por

¹ *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, pag. 454, 457, 463 e 467.

dar com elle cahido morto dentro da panella. A dôr da velha é pungente.

Este mesmo conto acha-se em outras provincias italianas. Em Avellino, não é uma velha mas uma gata que casa com o rato; singular casamento. Na terra de Otranto, a viuva do conto é uma formiga. Existe tambem uma versão grega, em que a formiga desolada se lamenta cercada das suas companheiras, dizendo o texto grego: «E a formiga fica viuva, porque aquelle que é rato deve ser guloso; etc.»¹

Na versão insulana, o rato é tambem considerado guloso e por isso preferido. Em um lai de Marie de França, ha o casamento com uma rata, mas é esta a scena principalmente desenvolvida; por esse lai nos remontamos ás suas origens orientaes do *Panchatantra*, e d'ahi ao elemento mythico d'esta parlenda infantil.

A vulgarisação d'este conto cumulativo é extensissima; limitar-nos-hemos a indicar as collecções em que se acham paradigmas indispensaveis para o processo comparativo. Nos *Rondallayre ou quentos populares Catalans*, de Mapons y Labros, a Carochinha é a *Rateta*; e nos *Contes populaires lorrains, recueillis dans un village de Barroir*, por Emmanuel Cosquin, vem duas versões: a de *Pou et Pouce* e *La petite Souris*. Além da versão italiana de Pomigliano, colligida por Imbriani, Giuseppe Pitré, na *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* traz uma outra intitulada *La gatta e la surci*. Gubernatis transcreve na *Mythologia zoologica*, (t. II, pag. 51) uma canção infantil relativa ao casamento e viuvez da formiga com o grillo, a qual termina:

La formicuccia andò alla festa a il Porto,
Ebbe la nova che il suo grillo era morto.
La formicuccia, quando seppe la nova
La cascò in terra, stette svenuta un'ora, etc.

Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, (pag. 375) allude a uma historia de accumulacão colligida por Hollywell nas *Nursery Rhymes*, que começa como a nossa historia da Carochinha: «*An old woman was sweeping her house*» etc.

Nas tradições populares, a *Velha* é a personificação mythica da noite; em um conto de Pomigliano a Carochinha é substituida por uma velhinha, assim como no inglez de Hollywell, e em portuguez

¹ Marc Monnier, *Rev. des Deux-Mondes*, 1877 (1.º de novembro, pag. 444).

este nome de Carôcho é synonymo de escuro e negro. O Conto decimo terceiro do terceiro livro de *Pantchatantra* é o que nos revela o sentido mythico primitivo da historia da Carochinha. Eil-o, resumidamente:

«Sobre a borda do Ganges, banhava-se um asceta e começava a lavar a bocca, quando uma Morganha (rata pequenina) escapando do bico do falcão lhe veiu cahir na mão. Quando elle a viu pô-la em cima d'uma folha de figueira, acabou os outros actos purificatorios e pelo poder das suas austeridades fez d'ella uma rapariga. Levou-a para casa, e disse para a sua mulher, de quem não tinha filhos:

— Toma esta menina, e cria-a com cuidado.

A mulher do asceta educou-a, até que ella chegou aos doze annos; depois disse ao marido que era tempo de pensar em casa-a.

— Dizes bem; hei de dal-a a um seu igual. Hei de fallar ao sol, a vêr se casa com ella.

Veiu o sol, e disse o asceta para a filha:

— Aqui tens o sol, que alumia os tres mundos; vé lá se te agrada.

— Meu pae, elle é muito quente; eu não o quero. Chama outro que esteja mais alto que elle.

O asceta disse para o sol: — Quem ha superior a ti?

— A nuvem, porque me encobre.

Veiu a nuvem; disse a pequena:

— É fria e negra, não a quero. Dae-me um marido maior do que a nuvem.

O asceta perguntou á nuvem: — O que ha de superior a ti?

— O vento, que me bate e fórma em mil farrapos.

Chamou o vento, para ser marido da pequena. Disse ella:

— Não o quero, porque é muito variavel. Chama outro superior a elle.

O asceta perguntou ao vento quem lhe era mais superior, e elle respondeu que — o monte, porque o retém.

Veiu o monte; ella respondeu:

— Não o quero, porque é duro e hirto. Dae-me a outro marido.

O asceta perguntou ao monte quem haveria que lhe fosse superior: elle respondeu:

— Os ratos são superiores a mim, que me furam.

Depois o asceta chamou um rato, mostrou-o á filha e disse:

— Eu vou-te dar a este. Agrada-te este rei dos ratos?

Quando a moça o viu, pensou: — Este é da minha especie.

— E cheia de alegria, pediu ao pae que a transformasse em rata para casar com elle.» ¹

Este conto acha-se no *Kathásaritságara*, no *Kalila e Dimna*, no *Anwdr-i Suhaili*, no *Livro da luzes*, no *Hítopadesa*, no *Hariwan-sa*, no *Livro das Maravilhas*, nos *Laís de Maria de França*, fabula 64, e ainda na *Historia do povo judaico* de Basnage, como se vê pelas fontes achadas por Benfey na sua introdução ao *Pantchatantra*, e nas notas de Lancereau. Por aqui se infere a sua transmissão do Oriente para a Europa da Edade media e para as tradições populares; e quanto mais profundas são as suas raizes tradicionaes, com mais segurança nos aproximamos do seu pensamento mythico inicial. Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, interpreta este conto nas suas relações mythicas: «A rata da noite (a carochinha) é a primeira que aparece; o crepusculo (o falcão, ou os outros animaes) procura agarral-a; a noite torna-se aurora; o sol offerece-se a ella como esposo; o sol é offuscado pela nuvem, e a nuvem é dissipada pelo vento; comtudo, a aurora da noite, a menina, mostra-se sobre a montanha, a rata da noite torna a apparecer e a menina confunde-se com ella.» ² Gubernatis conclue: «N'este bello mytho, a revolução que se effectua nas vinte e quatro horas do dia acha-se completamente descripta.» Na parlenda da *Formiga e da Neve*, da tradição popular portugueza, apparece tambem o sol, que a nuvem esconde, a qual é espalhada pelo vento, que o muro veda e que o rato fura. Vê-se que a tradição se desviou da situação do casamento para o encadeamento d'essa outra maravilha popular, a força. Na linguagem popular, a *Carocha* identificou-se com a velha na locução: *chupado das carochas* ou *das bruxas*, o que acontece sempre de noite. O sentido mythico da parlenda infantil portugueza acha-se na segunda parte da historia da Carochinha, quando morre João Ratão, e é chorado pela natureza inteira, como Balder e todos os outros heroes solares.

A lenda portugueza acaba por o rei não chorar, e é por isso como na de Balder, que representa a vaga claridade da noite, que João Ratão não resuscita.

O facto da Velha, dos contos italiano e inglez, ou da Carochinha no conto portuguez, acharem a moeda ao varrer da cosinha, existe ligado nas superstições populares á crença de que na casa em que ha baratas existe dinheiro. Diz Gubernatis, estabelecendo a relação mythica com as riquezas: «A rata nunca é concebida senão

¹ *Pantchatantra*, trad. de Edouard Lancereau, pag. 250.

² *Myth. zoologique*, t. II, pag. 68.

em relação com as trevas nocturnas, e por consequencia, dando extensão ao mytho, em relação tambem com as trevas do inverno, d'onde sahem mais tarde a luz e as riquezas.»¹

Esta categoria de contos de accumulção deve-se considerar como uma das fôrmas mais antigas da novellistica, a que correspondem no lyrismo popular as enumerações dithyrambicas das Orações dos Numeros. Assim como existem cantos aliterados e onomatopaicos para desenvolverem a loquela das creanças, (genero de *traba-lenguas*, hespanhol) as historias de accumulção perderam totalmente o sentido mythico, conservando nos processos espontaneos da psychologia popular o destino de um exercicio mnemonico importante.

THEOPHILO BRAGA.

¹ Op. cit., t. II, pag. 76.

ROMANCISTAS NATURALISTAS

EÇA DE QUEIROZ

É de todos os romancistas contemporaneos aquelle que goza de maior reputação.

A critica, considerando-o como um portento, deu-lhe as honras de mestre, incensando-o n'essas apreciações dispersas que reunidas dariam já um enorme volume. Fez-se estylo sobre o homem e sobre o escriptor; maravilharam-se dos seus processos; discutiu-se a nova formula, freneticamente, apaixonadamente; e todo este ruido em redor do seu nome fêl-o sobresahir como um vulto illuminado na sombra do nosso pequeno mundo litterario.

Poucos escriptores em Portugal se podem gloriar d'um successo identico.

Mas a critica que lhe deu celebridade, a critica que o impoz á admiração publica como um semi-deus do talento, tem ainda um grande dever a cumprir para com este escriptor ruidoso.

Esse dever é a analyse das suas obras, d'essas mesmas que são os seus titulos de gloria, porque sem isso nunca se poderá aquilatar o seu espirito. Vamos pois emprehender-a no presente estudo.

*

O Crime do Padre Amaro apparece-nos pela primeira vez, em 1875, na *Revista Occidental*. É então, diz-nos o proprio auctor no prefacio da edição definitiva de 1876 — um esboço informe e pouco aproveitavel. — Considerado assim, a critica mais impertinente julga-se dispensada de o investigar. Não é licito aproveitarmo-nos d'uma confissão espontanea e consciente para concluirmos tambem que é verdadeira.

Como, além d'isso, só em volume *o Crime do Padre Amaro* deixa de ser « uma improvisação desleixada » tendo-se ahi o romance por completo, é justo que sómente em livro seja submettido á analyse.

Apesar do romancista modestamente declarar, na edição *inteiramente refundida e recomposta*, de 1880, que este romance « é

apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada á sombra d'uma velha Sé de provincia portugueza », elle inicia uma these — a do celibato do sacerdocio — já muito antes explorada por Herculano no *Monasticon*.

O seu assumpto resume-se em poucas linhas.

Morto o parochio da Sé de Leiria outro foi nomeado; era Amaro Vieira, um homem novo e bem apessoado. O conego Dias, que fôra seu mestre de Moral no seminario, arranjára-lhe préviamente uma casa de hospedagem, a de Augusta Caminha ou S. Joaneira, que tinha uma filha por nome Amelia, « rapariga de vinte e dois annos, bonita, forte e alta, com o peito bem feito, olhos vivos e negros. »

O novo parochio chega, aloja-se, e o drama começa. No desenvolvimento da acção que é nada mais e nada menos do que os amores carnaes d'um padre e d'uma rapariga « afeiçãoada ás coisas da egreja » por haver sido educada entre clérigos e beatas, nota-se a precipitação dos acontecimentos, e uma certa lucta de ideias que não traduz perfeitamente a realidade, e que até achamos exagerada attendendo ás condições em que se acha o padre sob o actual regimen. O problema do celibato clerical está exposto n'esta lucta. A paixão cresce, em silencio, mas não tarda o momento para a sua primeira manifestação no beijo que Amaro dá em Amelia, nem a occasião favoravel para esta se lhe entregar. Seguem-se as scenas eroticas em cuja descripção o romancista parece deleitar-se e em que elle talvez se retrate, dando-nos ali n'aquellas paginas quentes de voluptuosidade o apuro do drama que indica ter por fim unico e exclusivo o inflammam dos sentidos. D'estes amores nasce uma creança que é morta pelo proprio pae; a mãe fallece sobre o parto.

É claro que nos occupamos da *edição definitiva*, porquanto o filicidio que dá o titulo ao romance só vem n'esta e no esboço publicado na *Revista Occidental*.

O Crime do Padre Amaro adivinha-se logo do começo. O auctor concebendo-o independentemente d'uma accumulção de notas verdadeiras que é o principal trabalho do romancista moderno, deu-nos um producto da imaginação em que abundam os lados vulneraveis por isso mesmo que a observação falta.

O conego Dias depois de abraçar o seu antigo discipulo descreve-lhe a casa da S. Joaneira, enumera-lhe as commodidades que ali vai desfructar e põe-no ao facto do character d'ella e da filha. Amaro fica sabendo que a rapariga é formosa e tem « bom fundo », e logo aos primeiros dias que a vê sente « no fundo da sua natureza alguma coisa a palpar, a querer fugir para ella ».

Amelia teve uma educação ao mesmo tempo romantica e mystica. Vivera entre padres e antipathisava com alguns; tivera por na-

morado um estudante de Coimbra que a beijára sofregamente e de quem ella fugiu para se não perder. Conheceu depois João Eduardo, um moço escrevente que a pediu em casamento; a sua devoção tinha tomado um character mais exterior; «tornára-se alegre; nos seus beijos rubros e cheios havia sempre uma risada prompta; os livros piedosos faziam-n'a bocejar; as longas rezas, a devoção solitaria, interior, humilde fatigavam-n'a». E ainda: começando «a amar na religião e na igreja o apparatus, a solemnidade, a festa» uma tarde «reparou na physionomia sympathica do escrevente, na brancura da sua pelle, na gravidade com que ajoelhava, na frescura dos seus dentes».

É realmente para notar que esta rapariga que sempre viveu entre clérigos e cuja paixão por Amaro o nosso romancista pretende fazer derivar da sua educação religiosa, nunca se tivesse afeiçoado a algum dos ecclesiasticos que frequentavam a casa de sua mãe, e antes pelo contrario a individuos da ordem civil. A educação da filha da S. Joaneira é a de todas as nossas mulheres com rarissimas excepções, mas nem por isso vemos que ellas sejam mais afeiçoada aos padres de que aos seculares. O que é a Amelia do *Crime do Padre Amaro* senão uma mulher tão religiosa ou tão catholica como as outras? Pois esta creatura que se *tornára alegre* e a quem os livros piedosos *faziam bocejar*, e as rezas, a devoção interior *fatigar*, o que equivale a dizer que sentia em tudo isto uma certa monotonia incapaz de lhe despertar os sentidos, esta creatura, insistimos, que apenas ama as exterioridades, que tem as suas inclinações mundanas, naturaes, que espera casar — a suprema aspiração da mulher — logo que lhe apparece mais um padre começa a sentir alguma coisa por elle espreitando-o por entre os cortinados da janella!

Amaro vivera até aos treze annos «tepidamente envolvido no elemento feminino e carinhoso. Nunca brincava, nunca pulava ao sol». Era enfezado e timido, «já afeiçoado ás coisas de capella; collocava os santos em plena luz, em cima d'uma mesa, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas.» Além d'isso sentia um grande prazer em «estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo fallar de santas.» De tudo tinha medo, assustando-se até «das espessuras dos arvoredos e do vigor das relvas altas.» Era, finalmente, o que se chama uma natureza passiva, muito facil de dominar, incapaz de reacção, de revolta, efeminada e submissa.

Pois Amaro apparece-nos d'uma audacia extraordinaria, manifestando as impetuosidades d'um temperamento sanguineo, rude no seu amor, d'essa rudeza um tanto selvagem em perfeita contradicção com o seu character. Feminizado de creança pela convivencia

com fidalgas devotas e criadas divertidas que o enchiam de mimos, Amaro Vieira podia ser tudo, podia ser dôce como uma mulher, podia viver e deleitar-se mesmo na convivência d'ellas e nutrir afeições e desejos sensuaes, mas nunca revelar-se d'uma aspereza brutal. As manifestações da sua paixão por Amelia faz-nos vêr n'elle uma natureza robusta, cheia de revoltas, fogosa como a d'um animal bravo, toda animalidade e impetos logo que se apodera da creatura amada.

Como este character se acha desenhado antecipadamente, posto em lucta com o instincto da selecção na especie, com a moral da igreja e com a lei, devia forçosamente ficar vencido e não triumphante.

E Amaro para fugir á tentação sae da casa da S. Joaneira. Receia que a sua paixão se descubra; teme as más linguas, teme os seus superiores, e é na sua nova morada que introduz Amelia com um atrevimento inaudito declarando-lhe o seu amor e possuindo-a!

Esta scena é detestavel. Poderá ser tudo menos real. A rapariga não resiste, entrega-se a Amaro estonteada, como uma mulher já inflammada pelo vicio. A sua subida para o quarto do parcho é feita « por uma vaga curiosidade, por um impulso irresistivel, quasi sem saber, amparando-se ao corrimão ». Apenas perguntada por Dionysia que a acompanhava e a quem Amaro subornou. Estava com cuidado na mãe porque já eram oito horas da noite e chovia. Tinha receios por ella e aceitou o alvitre do parcho que era o ser acompanhada pela mulher que o servia.

Eça de Queiroz sentia a necessidade de apressar a queda da filha da S. Joaneira, fazendo triumphar uma paixão mal definida, e por isso foi-lhe impossivel o desprezo pelas regas convencionaes do romantismo. O passo de Amelia e a resolução de Amaro é puro romance de phantasia caprichosa.

João Eduardo « vinha passar as noites » junto de sua amada e esta chega a defendel-o quando o vê perseguido. Manifestando assim que elle lhe não é indifferente, pois que até já lhe havia cahido nos braços consentindo que a osculasse, como se explica, a não ser que haja interesse em que o padre triumphe, que essa ideia fosse preconcebida e esteja constantemente a ruminar no cerebro do romancista, o facto de Amelia, que tinha sobretudo o sentimento do dever, se deixar, com uns instantes de lucta intima, arrastar pelas fallas brandas de Amaro, convencida da verdade das accusações que pesavam sobre aquelle com quem tinha justo o casamento? Ella sente-se offendida, quando o apontam como auctor do artigo da *Voz do Districto*; e depois sabendo que o pobre rapaz se acha sem meios de vida, desgraçado pelas perseguições do clero,

commove-se. Todavia esta creatura que possuía a vivacidade de impressão da mulher bem constituída vai sendo impellida fatalmente para o ecclesiastico que na sua exposição astuciosa nos parece um personagem educado na alta escôla das conquistas amorosas.

Ella pensára na vergonha se fosse concubina d'um padre e essa ideia apunhalava-a: elle tinha grandes escrupulos de consciencia que o torturavam, grandes receios e temores, um fundo supersticioso e mesquinho.

Mas passemos á scena do crime que se nos afigura como a mais digna de analyse.

Vimos Amaro Vieira sahir do seminario com o mesmo character submisso, as mesmas indecisões de temperamento, a mesma passividade e timidez de espirito que se lhe notára em creança. Vê-lo homem era vê-lo na infancia. Pois esta natureza comprimida e que tinha « as ideias tão arrançadas, tão firmes », recebe o filho das mãos de Dionysia — tendo préviamente concebido o plano de o deixar á porta d'um casal, — corre com elle nos braços, o seu contacto *perturba-o*, e de repente « veio-lhe uma ideia: mata-o! »

Era noite escura e o vento sibilava. Vira João Eduardo com o seu chale-manta claro e ouvira a sua voz dizer — Olá, amigo! — Assustára-se, tremera, julgava-se perdido, e pelo simples facto de o vêr desaparecer na estrada julgou-se salvo e ponde commetter o crime! E Amaro luctou furiosamente com essa ideia, o sentimento da paternidade manifestou-se como uma vibração dolorosa; amou aquella creança, teve medo que o descobrissem e a perseguição do escrevente produzira-lhe um temor febril. Onde está pois a verdade? Como se comprehende tudo isto?

Nada mais phantastico. A imaginação opulenta de Eça de Queiroz revela-se n'estas paginas que fariam a gloria d'um romantico mas que são um documento triste do naturalista. É o proprio auctor que tambem assim o comprehende mais tarde na edição recomposta, concebendo um outro plano que egualmente deve ser questionado.

Se analysamos em primeiro logar a edição definitiva é porque foi essa a que maiores louvores recebeu da critica. Poucos dos que lêem deixariam-de vêr n'esses juizos considerado o romance de que se trata como tendo attingido a suprema perfeição da arte naturalista.

No volume refundido a morte da creança dá-se d'uma outra fórma.

Havia uma mulher, a Carlota, conhecida pela *tecedeira d'anjos*. Amaro combinára com ella e o marido o infanticidio dando-lhes quatro libras. No momento porém de entregar a creança o fundo animal desperta. — É o meu filho! — exclamou o parcho no auge

da exaltação do amor paternal. E repete: — Mas ouça lá. Isto agora é serio. Agora é outra coisa. Olhe que o não quero morto... É para o tratar. O que se passou não vale... É para o crear! é para viver. Vossé tem a sua fortuna... Trate d'elle!...

— Que não tinha duvida, dizia a mulher apressada.

Elle continuou: — A creança não vai bem agasalhada. Ponha-lhe o meu capote.

— Que ia bem — respondeu a Carlota.

— Não vai, com mil diabos! É o meu filho! Ha-de levar o capote! Não quero que morra de frio! — E atirou-lh'o aos hombros com força traçando-lh'o sobre o peito, agasalhando a creança.

No dia seguinte a *tecedeira d'anjos* diz a Amaro ter-lhe morrido « o pobre anjinho duas horas depois de haver chegado ».

— Mente! — gritou o ecclesiastico. Queria vêr e entreviu n'um relance, ao pé da chaminé, um berço coberto com um saio de escarlate. « Sem uma palavra voltou as costas, atirou-se para cima do cavallo » e deu a Carlota o dinheiro que ella lhe pedira para o enterro.

Aqui nota-se a falta de logica d'um talento desequilibrado. Uma creatura que matava creanças pelo ganho, logo que se lhe offerecessem maiores vantagens deixaria de o fazer. Especularia. O artista, porém, parece querer mostrar-nos que o infanticidio fôra praticado pelo marido de Carlota a quem não communicára a sua ultima resolução; mas ainda assim o facto deixa de ser natural desde o momento que a *tecedeira d'anjos* era interessada, pelo lucro, na vida d'aquella creança que durante a noite não ficou fôra das suas vistas. Depois, muito naturalmente esta communicaria ao marido, sabendo-o connivente no accordo do crime, as promessas d'Amaro. Ambos se associavam pelos mesmos sentimentos, logo o que fica apontado é que seria natural e logico.

O infanticidio não está claro, visto que da narração tambem se póde deprehender a morte natural ou por outras circumstancias alheias ao crime pactuado. Os processos naturalistas não admittem traços tão ligeiros nem tão incaracteristicos.

Quando se pretende fazer comprehender alguma coisa a nós pessimos realistas, para que d'essa coisa nos fique a impressão é necessario que a nota seja verdadeira, sem indecisões.

Não ha duvida que o romancista teve em mente revelar-nos o infanticidio por estrangulação apesar dos incidentes notados, mas para que esse facto fosse bem visto e sentido o seu processo deveria ser bem outro. As palavras de Carlota podiam tambem ser verdadeiras. Eis aqui sufficientes rasões para impugnarmos o titulo da edição refundida.

Por uma serie de circumstancias que Eça de Queiroz conhece, o

seu romance para ser verdadeiro deveria ter um outro desfecho. Foi só falseando os modernos processos que elle poude chegar a uma conclusão detestavel afastando-se da vulgaridade. A natureza é constantemente mutilada e ao artista tudo lhe será permittido menos essa aberração. Pondo em conflicto n'um dado meio social os seus personagens principaes, dando-nos no desenvolvimento da acção certos episodios d'algum valor psychologico, a verdade demandaria uma obra talvez mais honesta e mais confortavel. Cortados esses incidentes verdadeiramente humanos por simples capricho ou porque se tem em vista um drama de effeito, oppondo assim um dique formidavel ao curso natural das coisas, a realidade desaparece e só nos fica um producto da phantasia mais ou menos tresloucada, mais ou menos extravagante.

Os grandes romancistas modernos só exploram as trivialidades humanas dando-lhes elevação por um sópro do seu ideal. Poderse-ha vêr n'este romance a reprodução da vulgaridade? Não de certo, porque essa dar-nos-hia uma historia bem differente em que se iniciaria a seguinte these: — Na sociedade moderna o padre não pôde occultar o concubinato disfarçado e de certo modo tolerado na sua cohabitação com as mulheres chamadas amas. — Demonstrado isto, quem ainda se preoccupar com o celibato clerical é um sentimentalista impertinente e como tal está fóra do seu tempo.

Assim pois, admittindo que o *Crime do Padre Amaro* se deu, elle representa para nós um factio isolado, excepcional, e esse não é a expressão da natureza. Como classifical-o d'obra d'arte?

Ha comtudo n'este trabalho de Eça de Queiroz algumas scenas d'uma verdade incontestavel a par d'outras exaggeradissimas e impossiveis. Notaremos para exemplo do que deixamos dito a do jantar em casa do abbade da Cortegassa; a da taberna, em que figura um typographo que é um typo bem desenhado; a da administração, em que apparece João Eduardo; a da sacristia em que o conego Dias exprobra Amaro por haver desencaminhado a rapariga, e a da morte d'esta, em que sobresaie o doutor Gouvêa, um typo magistral.

Mas as contradicções, as incoherencias, fervilham em todo o romance e apontal-as seria espaçarmos muito o nosso trabalho. Damos apenas como exemplos: a colera do padre-mestre quando sabe pela *Tóto* das relações amorosas d'Amaro com Amelia, o seu interesse e sentimento manifestados por esse factio que considera uma infamia do seu ex-discipulo de Moral, percebendo-se claramente a intenção das suas palavras no dia em que lhe descreve as qualidades physicas e moraes da filha da S. Joaneira; — o alvoroço d'esta — que era ainda uma rapariga honesta — quando o novo parcho lhe dá o primeiro beijo ao saltar do vallado, abysmando-se por

isso «n'uma só sensação: — Gosta de mim! Gosta de mim!» — o seu pudor e impudor ao mesmo tempo nas scenas eroticas em casa do sineiro; umas expressões improprias da sua educação; — o cynismo de Amaro revelado nas respostas dadas ao conego Dias na altercação que com elle teve por causa dos seus amores e mesmo na scena final quando se encontram em Lisboa; — a exaggerada scena do manto da Virgem, que é o requinte d'uma sensualidade que não pôde existir de modo algum n'uma organização como a d'aquelle ecclesiastico cheio de terrores supersticiosos; — a recusa d'Amelia decerto menos religiosa pela sua educação mixta, horrorisada do singular capricho do seu amante; — os sonhos nitidos e detalhados d'este, não sendo crível que jámais alguém assim sonhasse; — e finalmente, para não cançarmos o leitor, as contradicções estupendas d'estes amores e os incidentes romanescos que envolvem a existencia excepcional de João Eduardo.

No *Crime do Padre Amaro* são tres os personagens principaes: o parochio, Amelia e o escrevente. Pois é triste dizello: estes personagens, como se acham descriptos, não existem no nosso meio, são falsos.

Amaro vive só da sensação carnal; nada mais o agita além da sua lubricidade. Por ella se move, é ella que o faz pensar e nada mais. A natureza só creou uma coisa para elle, é a mulher na sua nudez. N'ella estão constantemente todos os seus pensamentos desde creança.

Amelia com a sua inconsciencia, as suas contradicções romanescas e religiosas, os seus prejuizos de educação e de meio, e com a fatalidade do seu temperamento, não tem um traço firme e humano.

João Eduardo é em tudo insupportavel; no seu amor, na sua colera, no seu odio e na sua embriaguez.

Os typos secundarios é que nos parecem mais conhecidos apesar de se moverem unicamente n'um dado sentido. Toda a humanidade lucha. Não existe uma só aspiração. Por diversos interesses e diferentes paixões é que ella se move. O fundo da acção sendo formado pela intriga nem por isso os traços indicam grande precisão. O desenho d'alguns caracteres é indeciso. A fôrma simplesmente e o dialogo é que têm um vigor que nos encanta. É o modo de dourar ou de colorir o objecto que detestamos.

Terminada a analyse d'esta anomalia que se intitula o *Crime do Padre Amaro*, passamos a vêr o romance de sensação que se chama *O Primo Bazilio*, o principal titulo de gloria do notavel romanista.

(Continúa).

REIS DAMASO.

DIALECTOS BEIRÕES

« ... os da Beira tem hũas falas, e os Dalentejo outras ».

(FERNÃO DE OLIVEIRA, — *Gram. de ling. port.*, 2.^a ed., p. 86).

I

LINGUAGEM POPULAR DE MONTE-NOVO

Graças á amizade do meu contemporaneo de Medicina, Antonio José Gomes, veiu-me ás mãos em Fevereiro de 1883 um livro ms., de 163 pag., copiado por um homem do povo (já velho) de Monte-Novo (f. de Pousa-Folles, c. de Sabugal, na provincia da Beira-Baixa). Este ms. intitulava-se « *Cartas e respostas | e outros Verços mais, | de frentes* ¹ *Qualidades | e tambem Deçimas e | Orações Quais* ² *tudo de | Pravoieiras* ³ », e continha um trecho dos *Lusíadas*, versos de origem litteraria, cantigas e romances populares, cartas de namôro, problemas de arithmetica, orações, etc. Era uma verdadeira miscellanea; mas revelava a cada passo fórmãs da lingua popular do copista. Eis, pois, um texto apreciavel para o conhecimento do dialecto da localidade, o qual nos apresenta os caracteres dos dialectos beirões em transição para os do Sul.

¹ = *de differentes*.

² = *quasi*.

³ Em vez de *parvoices*. Cf. o verbo *parvoizar*, que existe na lingua.

Antes de analysar essas fôrmas, vou transcrever as unicas duas peças populares que se me afigurãõ dignas d'isso. São dois romances :

(1.º Romance)

1. Na intrada de Maio
E na sabida da Primavera,
Principiou el-rei D. Fernando
A deitar quintar ⁴ pela terra.
5. — Diz-me, soldadinho,
Que tão triste vás na guerra,
Se te lembra pai o mai
Ou auzencia da tua terra.
— Não me lembra pai nem mai, ⁵
10. Nem auzencia da minha terra;
Lembra-me a minha namorada,
Que é bonita e donzella.
— Se a tu queres ir ver,
Sete annos te darei :
15. Péga em armas e cavallo,
Vai a ver a tua namorada.

Indo ó cabo do caminho,
O Diabo lhe disse :

20. — Aonde vás, soldadinho ?
Eu voi ⁶ ver a minha namorada,
Que ha dias que a não vi.

O Diabo lhe disse :

25. — Tua namorada já é morta,
Que eu bem na vi.
— Diz-me que sinães levava.
Darei-te credito a ti.
— Levava vestido de crepe,
Jaleco de cremezim,
30. A toca d'oleado;
O caixão aonde ella ia
Era de oiro e marfim.
Sete damas a chorar
Por amor de ti ⁷.

⁴ *quintar*. Evidentemente devia ser *quintos*.

⁵ O copista esquecer-se-hia de pôr o til em *mai* (= *mã*) nos v. 7 e 9, ou pronunciava assim? (Em *mir*. diz-se *mai*. Vid. o meu *Dialecto mir*. pg. 14). O ms., no v. 107 tem porém *mã*.

⁶ *voi* (= cast. *voy*) é provavelmente uma das muitas fôrmas exóticas que se encôntão nos romances, e não corresponde de certo á pronúncia popular.

⁷ Parece alludir ás *choradeiras*.

35. Indo ó cabo do caminho,
Um besbrinho se levantou :
— Não te espantes tu de mim,
Que eu sou tua namorada,
Que nalgum tempo te servi.
40. — Se tu és minha namorada,
Porque não fallas tu a mim ?
— A boca com que te falava
Já não a trago aqui !
Nem a terra me coméra,
45. Meus amores, ai de mim !
O dia da minha morte
Fui mui triste para mim :
Se me havia de lembrar Deus,
Lembrei-me, amor, de ti ;
50. Agora vivo em penas,
Num seculo sem fim ⁸ !
— Venderei o meu cavallo
Para missas ;
Se não bondar o meu cavallo,
55. Venderei tambem a mim.
— Não vendas o teu cavallo,
Nem tão poco a ti :
Quantas mais missas me dizem,
Mais penas são para mim.
60. As filhas que tiveres
Leva-as diante de ti,
Que não se pércão
Como me eu perdi
Por via de ti.
65. Soldadinho, se casares,
Casai em Badalim ⁹
Com uma moça bonita,
Não a chame como mim ¹⁰ ;
Quando por ella chamares,
70. Que te não lembres de mim.

Este romance vinha no ms. com o simples titulo de *chacra*. Conservei a orthographia do ms. sempre que ella póde corresponder á pronúncia. — Th. Braga, *Romanceiro* n.º 57, reproduz uma variante transmontana de Garrett; mas differe muito d'esta. — So-

⁸ i. é., « ha seculos sem fim », ou « por seculos sem fim ».

⁹ Povo na Beira-Baixa ?

¹⁰ Este verso vai exactamente como vem no ms., que é bem legível, mas deve corrigir-se assim : « Não se chame coma mim », ou « Não a chamem coma mim » ; em todó o caso *coma*. Na Beira é vulgar *coma mim* equivalentemente a *como eu*. O copista escreveu *como*, querendo de certo imitar a linguaagem escrita; assim escreve tambem *he* (=é), *hir* (=ir), etc. *Coma* é forma archaica e dialectal.

bre a alma que vae no borborinho cf. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 104.

(2.º Romance)

71. Ainda agora vim do Paço,
El-rei me mandou chamar :
O será para meu bem,
O será para meu mal !
75. Entrei pelo paço adentro,
Fazendo mil cortezias,
Beije a mão a Suas Altezas,
E a Suas Reaes Subranias.
— Conde, maitai ¹¹ a condessa,
80. Para casares com a minha filha.
— A condessa ainda é moça,
A morte me não mereia.
— Não me voltes a mim trouco,
Nem tam poco a demasia.
85. Ia o conde para casa
Em uma grande agonia.
A meza estava posta,
Nem um, nem outro comia.
- Não me dirás, ó meu conde,
90. Não me dirás, alma minha ?
El-rèi te mandou chamar :
Não me dirás o que te q'ria ?
- As lagrimas erão tantas,
Que pela casa corrião.
95. — Não me dirás, ó meu conde,
Não me dirás, alma minha ?
El-rei te mandou chamar :
Não me dirás o que te q'ria ?
— El-rei te mandou matar,
100. Para eu casar com a sua filha.
— Não me mates, ó meu conde,
Não me mates, alma minha !
Deixa-me o menos criar
A menina mais pequenina !
105. « Mammai, ó filha, mammai,
« Este leite de amargura !

¹¹ O ms. tem aqui *maitai*. Será erro, ou o *i* corresponde ao *c* do lat. *mactare*? Noutras passagens ha porém *matar* (v. 99) e *mataste* (v. 114).

« A vossa mãe hoje é viva,
« Amanhã irá na tumba ! »

- Palavras não erão ditas,
110. El-rei que á porta batia :
— Já a mataste, alma minha ?
— Ainda não a matei, meu senhor,
Mas estou nessa grande agonia.
— Se ainda não a mataste,
115. Eu mui bem te ajudaria.

Palavras não erão ditas,
Os sinos que se dobravão.

— Ai Jesus ! quem morreria ?

- Respondou uma voz do ceu :
120. — Morreu a filha d'el-rei ;
Pelo crime em que cahia ;
Descasar os bem-casados,
123. Coisa que Deus não q'ria.

Cf. as versões de Garrett (*Rom.*, II, 41) e de Theophilo Braga (*Romanceiro geral*, 27-28; *Cant. do archip. açor.*, 29), que porém differem d'esta.

Passarei agora á análise das fórmas da linguagem popular beirã contidas nestes dois textos e nos restantes do ms. Os algarismos póstos entre parenthesis indicão os versos dos dois romances que acabo de transcrever.

A) Phonologia

1. DITONGAÇÃO. Parece ser característica d'aqui a ditongação (*ou*) que se dá ás vezes numa vogal que tem por correspondente na linguagem litteraria *ó* e *o*. Ex. : *trouco* (= trôco. 83), *coubro* (= côbro), *soubro* (= sôbro), *nouvo* (= novo), *pouvo* (= povo)¹², *lougo* (= lógo. — Muitas vezes.¹³).

2. CONDENSACÃO. Ao mesmo tempo que se dá a ditongação

¹² Em versos : *pouvo* a rimar com *novo*.

¹³ Em mirandez *thougo* (= lat. *locus*). Vid. o meu *Dialecto mirandez*, Porto 1882, I, § 4.

indicada, dá-se o phenomeno contrário, a condensação (o), em palavras que na linguagem litteraria offerecem *ou*. Ex.: *poco* (= pouco. 57), *o* (=ou. 73, 74, etc. ¹⁴), *só* (=sou), *ovir* (=ouvir), *to-ca* (=touca. 30). — A condensação parece pois dar-se tanto nas syllabas tonicas, como nas atonas. Esta condensação é caracteristica dos dialectos da Extremadura, do Alemtejo e creio que do Algarve. Mas esta condensação encontra-se noutros pontos da Beira-Baixa e Alta. — O ms. porém não a offerece sempre: assim tem *outro* no v. 88. Aqui a pronúncia não se trahiu no copista. — Cf. o v. 8, e os preteritos *levantou* (36), *mandou* (91), etc.

3. Ha várias casos em que *i* representa o *e* surdo da linguagem litteraria, etc.: *ritiremos* (= retiremos), *pidir* (= pedir), *sintir* (= sentir), *gimido* (= gemido), *chiminé* (= cheminé = chaminé. Influencia da palatal? Cf. *chigar* = chegar, passim), *cripinteiro* (= * crepinteiro = crapinteiro = * carapinteiro = carpinteiro) ¹⁵. [O ms. offerece porém *çançível* (= sensível)]. Cf. o alemtejano: *firido*, *pitição*, etc. (Vid. o meu *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 7).

4. DISSIMILAÇÃO: *pedroso* (= pudroso = poderoso), *Sabodo* (= Sabbado), *luxuria* (= luxuria), *absolutamente* (= absolutamente). Ha outras, que se encontrão a cada passo no paiz: *marmura* (= murmura), *deligencia* (= diligencia), *seturo* (= futuro). O ms. traz tambem *geripia* (= geropiga. Em Mondim da Beira diz-se *gerupia*).

5. O ms. offerece: *emlogio* (= elogio), *emtesa* (= interessa), *emzemplo* (= exemplo), *emnemigo* (= inimigo), *emducastes* (= educastes). A orthographia não deixa dúvida sobre a pronúncia nasal da syllaba inicial. Essa pronúncia é porém *ãi*, *êi* ou *ên* (*em*)? No Alemtejo diz-se *êntende*, *êngnora*, etc. (Vid. *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 11). É uma lei geral da pronúncia popular portugueza não admitir *i* átono inicial, e substitui-lo quasi sempre por *in* (*im*) ou por outra vogal, ou supprimi-lo. Esta lei estende-se ao mir. — O ms. orthographa até de uma das vezes assim: *em-nemigos*. O copista queria tornar bem saliente a natureza nasal da primeira syllaba. A orthographia *emnemigos* apparece muitas vezes. Encontrei porém uma vez *enemigos*.

6. O ms. offerece *dismaado* (= desmaiado). Haverá aqui um erro do copista?

¹⁴ Resta saber se nesta conj. a pronúncia é *ó*, como no Alemtejo, ou *ô*. A mesma dúvida a respeito dos outros casos: é porém provavel que nelles seja *ô*.

¹⁵ Creio mesmo ter ouvido já *carapinteiro*. Cf. *algravio* = *algaravio* = *algarvio*; *crabão* = * *carabão* = *carvão*.

7. A fôrma *manhão* (=manhã) pôde comparar-se com fôrmas analogas do dialecto minhoto, onde se diz por ex. *irmão* (=irmã), etc., etc. Outro ponto de contacto com o minhoto acha-se na fôrma *multiplicar* (=multiplicar) que o ms. repete; ésta fôrma pôde explicar-se por influencia de *muito* (=muito), que é vulgar em muitos pontos do paiz. Ao contrário porém do minhoto, que faz de *ruim* um monosyllabo (ditongo), o ms. traz *rohim* (=ruim) a rimar com *jardim* e *mim*.

8. Acima indiquei algumas analogias da lingoagem do ms. com a das provincias do Sul. Eis porém verdadeiras diferenças: o ms. tem *eu*, *geito*, *não*, e muitas palavras com a terminação *-eiro* (*verdadeiro*, etc.), *beijo* (repetidas vezes), *beijar*, *haija* (duas vezes), *seija*.

9. Emquanto que o alemtejano offerece *paciença*, etc., o ms. offerece *providencia*, *clemencia*, *deligencia* (=diligencia).

10. Analogamente ao que se dá no Sul, o ms. tem: *discaço* (=descanço. 2 vezes), e já no § 6 citei *dismaado*; mas tem tambem: *desposição* (=disposição), *descursos* (=discursos), *desgracia* (=desgraça). Cf. *espreciosa* (=preciosa) e *esprimir* (=exprimir); aqui porém talvez a syllaba *es-* se leia *is-*.

11. O ms. traz *numero* (=número), *rosultado* (=resultado), *roduzir* (=reduzir). São talvez casos de assimilação vocalica. Cfr. ainda *porquadida* (=persuadida).

12. Em *estatula* (=estátua), que o ms. traz, ha um facto analogo ao que noutros pontos se dá com *trévula* (=trévua = treva. *Quarta feira de trévuas*, *Quarta feira de trévuas*).

Vão indicados adeante outros phenomenos phoneticos.

B) Morphologia

São em número escasso os termos que o ms. tinha, pertencentes a ésta secção.

13. VERBOS. a) O verso 47 offerece *fui* com o sentido de *foi*. Haverá aqui êrro de cópia, ou seria a pronúncia do copista? — Já acima indiquei *só* (=sou), e *seijas* (=sejas). — Uma fôrma curiosa é *fostens* (=fostes¹⁶).

¹⁶ No Alemtejo parece dizer-se tambem *dissestens* (=dissesteis). Vid. *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 12, e. — Na Reigada (Beira-Baixa): *chamástais* (=chamastes), etc. Em Taboaço (Beira-Alta), que offerece alguns caracteres communs á Beira-Baixa e ao Sul: *fijéstais* (=fizestes). — Resta saber se o *fostens* do nosso ms. se deve ler *fóstëis* ou *fóstâis*.

b) Já vimos *haija* (=haja). — O ms. tem, pelo menos, tres exemplos de *handem* (=hã-de; ei-los: «*handem* ser», «*handem* passar» e «*handem* cortar». Como se vê, o povo considerou *hande* (hã-de) como uma fôrma unica, e deu-lhe, por analogia, a terminação do plural ¹⁷.

c) Os versos 6, 19 e 20 offerecem *vds* (=vais ¹⁸).

d) O ms. tem *puze-me* (=puz-me). Tenho, se bem me recordo, encontrado ésta fôrma noutras localidades.

14. ARTIGOS. O art. acha-se condensado com a preposição *a* (*ó*=*ao*) nos versos 17, 35 e 103. O verso 25 tem *na* (=a) depois de nasal, como em quasi todo ou todo o paiz. A explicação d'este *n* é a seguinte: primeiro disse-se *la* (e *lo*); depois o *l*, por influencia da nasal precedente, transformou-se em *n*, outra nasal, i. é, foi assimilado. Por analogia com *na* (=em a) e *no* (=em o), onde o *n* tem uma razão de ser phonetica, é que o ms. no verso 39 traz *nalgum* (=em algum). Na lingoagem ordinaria diz-se *neste*, *naquelle* etc. pelo mesmo motivo de uma falsa analogia.

15. PARTICULAS. Já citei acima *lougo* (=logo), *quais* (=quasi) e *o* (=ou. Cfr. a expressão do ms.: *mais o menos*); *diente* (v. 61), *adentro*, *coma* (not. 9, ao v. 68), *despois* (vulgar em todo o Norte).

16. Nota. Num dos pontos o ms. traz: «*maldçoar-se a sim*». Tanto pôde ser *amaldçoar-se assim* como *a sim* (=a si); fico pois na dúvida ¹⁹.

C) Syntaxe

São igualmente escassos os materiaes que o ms. apresentava, que possam entrar nesta secção, e esses mesmos talvez nem diffirão, ou pouco differirão, do que se passa na lingoagem popular de outros pontos. Em todo o caso, agrupo-os aqui, para assim facilitar a comparação com os outros dialectos, e se poder determinar bem a grammatica popular.

¹⁷ No Alemtejo diz-se *hãde* e *hãdem*.

¹⁸ No Alemtejo, idem. Vid. *Sub-dialecto alemtej.*, pg. 5. — Encontra-se noutros pontos. Conheço duas orações populares, uma de Villa Nova de Foscôa (Beira-Baixa) e outra de Villa-Real (Traz-os-Montes), onde se lê *vás* (=vais). Vid. as minhas *Tradições popul. de Portugal*, pg. 64-65.

¹⁹ Cfr. o meu *Dialecto brasileiro*, pg. 30, e o meu *Sub-dialecto alemtejano*, na secção dos pronomes.

17. a) O verbo *ir* com a preposição *a* em dois casos: « eu as vou *a* dizer »; « vai a ver a tua namorada » (v. 16)²⁰.

18. b) Notem-se os dois versos

Porque não fallas tu a mim (41)
Venderei tambem a mim (53)

onde a syntaxe da lingua escrita exigiria a mais o pronome *me*.

19. c) No verso 27 diz-se *darei-te* (em vez de *dar-te-hei*), o que é muito frequente no povo²¹.

20. d) No verso 13

Se *a* tu queres ir ver

o pronome *a* precede o sujeito. Estes exemplos encontrão-se frequentemente no povo, etc. A tendencia moderna da lingua escrita exigiria: « se tu *a* queres ir ver », ou « se tu queres ir vê-la ».

21. e) Cfr. os versos 44 e 115

Nem a terra me *comêra*
Eu mui bem te *ajudaria*.

22. f) A phrase dos versos 89-90, repetida nos versos 95-96, *não me dirás*, é muito vulgar na Beira. É uma especie de fórmula interrogativa, que pôde não exigir complemento directo para *dirás*.

D) Glossario²²

ADEMIRADO (= admirado). Epenthese do *e* como em *afelito*, *-a*.
Phenomeno vulgar noutras terras.

²⁰ Este último caso tambem se podia interpretar assim: « vai-a ver, a tua namorada ». Quando ha dois verbos referidos ao mesmo sujeito, o complemento directo pôde ir antes do primeiro ou do segundo. — Encontra-se noutras provincias o verbo *ir* com *a*.

²¹ Nas *Miragens Seculares* de Th. Braga, obra litteraria de merecimento, encontro porém o verso (pg. 59)

« *Sabereis-nos* guiar a tal paiz, por certo »

onde *sabereis-nos* está em vez de *saber-nos-heis*. Não me recordo de mais exemplo nenhum em livros modernos.

²² É clarô que nem todos os termos são peculiares á localidade, ou talvez mesmo nenhum. No emtanto assignalo-os, para assim facilitar as colleitas posteriores. — Note-se que só incluo neste glossario os termos populares que não entrãrão no estudo grammatical precedente.

ADENTRO (= dentro). Creio que existe noutras terras.

AMENTAR (lembrar, etc.), na phrase: « quem *amentou* esta cantiga ». Existe tambem em port. arch. Do lat. * *ementare* (sobre *ementum*).

ASUCCEDE (= succede). Commum a outras terras da Beira. O *a* é prosthetic.

BATISO (subst. em vez de *baptisado*). É uma formação nova; cf. o port. *mando* ao lado de *mandar* (lat. *mandare*), *ralho* ao lado de *ralhar* (lat. * *radiculare* apud Brachet, *Dict. Etym.* s. v. *railler*), *mijo* ao lado de *mijar* (do b. lat. *mejare* apud Diez, *Gr.*, I, 16), etc.

BESBRINHO, v. 36 (borborinho). Será erro por * *berbrinho*?

BONDAR, v. 54 (bastar, chegar, ser sufficiente). Este termo é muito usual na Beira-Alta. Do lat. *abundare*.

BOUNETAS (= baionnetas). Em Mondim da Beira diz-se *bionetas*. Do fr. *baionnette* (de *Bayonne*).

CONÇEDERAÇÃO (= consideração).

CONIGO (= cõnego). Fôrma mais vizinha do lat. *canonicus*, que por dissimilação deu * *caõnicu-*, etc.

CONRESPONDENCIA (= correspondencia). É vulgar ouvir-se ao povo *conresponder*.

CONTINAMENTE (= continuamente).

CONTINO (= contínuo). É a pronúncia usual.

CREMEZIM (= carmesim). Do b. lat. *carmesinus* (arab. *karmesi*).

O *cremezim* do nosso ms. pôde explicar-se assim: *carmesim*, * *caramesim*, * *cramesim*, * *cremesim*. Cf. *cripinteiro*, § 3.

DEFRENTES (= diferentes). Cf. not. 1.

DEMINGO (= Domingo). Repetido no ms.

DESINFELIZ (infeliz). Como o prefixo *des-* em muitos casos denota o contrário da ideia expressa pela palavra a que se elle junta (ex. *desfazer*, *desarranjar*), o povo junta-o a *infeliz* para exaggerar mais o sentido. Vulgar noutros pontos da Beira.

DETREMINA (= determina). Vulgar.

FICHE (?), na expressão « um pecado tão *fiche* ». O povo na Beira-Alta usa muito de *fixe* no sentido de *firme* (ex. *cór fixe*) e, em accepção moral, no sentido de *bom*, *rico*, etc. A etymologia é clara: lat. *fixus*.

JARASTES (= gerastes). Noutros locaes *jaração*. O *e* átono antes de *r* muda-se facilmente em *a* (ex. *imparadôr*, *sarrar*, etc.). — Esta mudança de *e* em *a* não é um phenomeno isolado; encontra-se noutras lingoas. Vid. por ex. o opusculo do illustre Mussafia, *Darstellung der Romagnolischen Mundart* (Vienna, 1871) no § 80: « Unbet. *e* vor einfachem *r* = *a*: *difari*, *difarent*, *imparator* (etc.) ».

- LESONGEO-ME (= lisongeo-me). No povo não é vulgar o verbo *lisongear*.
- MAITAR. Cf. not. 11.
- MERCIA, v. 82 (= merecia).
- MERCIMENTO (= merecimento).
- PIADADE (= piedade). Vulgar.
- PORQUADIDA (= persuadida).
- PRANTADOS (postos). O povo na Beira diz sempre *prantar* (lat. *plantare*) em vez de *pôr*.
- PRATALEIRA (= prateleira). *Prateleira* suppõe um deminutivo * *pratélllo* (de *prato*, que é de origem germanica; cfr. allemão *platt*), de que os dicc. port. offerecem effectivamente a fôrma *pratel* (cfr. o nome de terra *Portel* ao lado de *Portélllo*; *annel*, em mir. *aniêlho*, do lat. *annellus*, etc.).
- PRAVOEIRA (= * *parvoeira*, por *parvoice*). Cf. not. 3.
- PROMITTA (= permitta). Vulgar.
- SEBEIJA (= sobeja).
- SECLLO, v. 51 (= seculo). Em lat., como se sabe, ha tambem *seclum* ao lado de *seculum*; mas a palavra do nosso ms. não deriva d'essa fôrma, deriva da fôrma litteraria *seculo*. Em port. arch. apparece *segre*, *segraes* (e *seglar*).
- SURREIÇÃO (= resurreição). Vulgar.
- SUBRANIA (= soberania). Vulgar.
- VERTUOSO (= virtuoso).

Porto, 22 de Março de 1884.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

LAUREANNA

E A MELODIA NACIONAL

A musica dramatica passa um grande periodo evolutivo iniciado por Wagner, o colosso musical do nosso seculo. Ao desmedido orgulho e arrogante soberania do mestre adheriram os grandes talentos da nossa epocha, sentindo a necessidade revolucionaria e fascinados pelo talento, mas desviando-se, distanciando-se cada individualidade conforme o *seu* character e meio de vida.

A opera *Laureanna* de Augusto Machado cantada em 1 do passado mez de março no theatro de S. Carlos pertence á classificaçãõ das operas affectadas de wagnerismo. O modo wagneriano fez maior brecha em França, onde já tinha sido apupado, assim como Berlioz, seu precursor, e será talvez por isso que os criticos actuaes classificam de escõla franceza este novo modo musical. Parece-nos incongruente este agrupamento de maestros na escõla franceza: Mehul, Boïeldieu Auber, Halevy, Gounod, Ambroise Thomas, Rossini (com o *Barbeiro de Sevilha* e *Guilherme Tell*), Meyerbeer, Saint Saëns, Massenet, etc. etc.

No novo modo de dramatisaçãõ musical a inspiraçãõ e o genio ficam como que presos e atrellados á sciencia e recursos das combinações harmõnicas; conseguintemente, as composições modernas sãõ theses de philosophia musical, que se offerecem á soluçãõ e discussãõ publica.

Será isto o bello na Arte?

O compositor moderno, á força de querer ser original, é philosopho, scientifico e descriptivo, realista e creador, esquece a malleabilidade do instrumento natural — a voz — limitando-a a uns *parlato*s, aos recitativos, a umas melopéas, felizes e astisticas muitas vezes, é certo, mas não é isto o que prende o seu principal cuidado e attençãõ.

Ideias originaes, effeitos novos, applicação de timbres, opulencia de instrumentação, philosophia musical, a tudo isto aspira o compositor moderno; mas, e a despeito do seu talento, o genio prende as azas para não voar; velando os rasgos da inspiração e subordinando-os á sciencia, alcança um diploma de contrapontista, produzindo, a par de muita belleza, muita monotonia, descripções e applicações, submettidas exclusivamente ao *seu* character, ao *seu* modo de vêr e sentir, ao *seu* temperamento. Esta nebulosidade musical, esta tendencia scientifica dos contrapontistas difficulta a vulgarisação e atrophia a inspiração e creação musical, a espontaneidade ideal e sublime, que fórma os grandes genios.

É por isso que alguns professores modernos reagem contra a novidade e se applicam a desenvolver o gosto archaico, dando o cunho de novidade e de merito exclusivo ás obras dos grandes mestres dos seculos passados.

D'estas exagerações sahirá uma nova dramatisação musical.

Ninguem poderá marcar os limites de conquista, que a sciencia physica proporcionará á musica do futuro, nos recursos de tonalidade e mais effeitos; entretanto o que desde já podemos acreditar é que o realismo subjectivo é um impossivel na musica.

A individualidade — compositor — será sempre subordinada ás suas paixões, aos *seus* meios de vida, e estes serão os factores do *seu* character, do *seu* temperamento. A musica e a poesia, estas irmãs gêmeas, devem alliar-se e abraçar-se. É certo que a poesia tem sido, até nossos dias, um elemento secundario na opera; entretanto a grandeza e philosophia subjectiva da musica depende de um bom libretto.

O que faria Beethoven com o seu *Fidelio* se lhe tivessem feito um bom libretto? Desculpa-se Meyerbeer por ter desprezado todas as conveniencias da verdade e da historia na *Africana*.

O libretto da *Laureanna* tem situações muito dramaticas, que o *snr.* Machado teria desenvolvido mais francamente, se a sua *partitura* não fosse como que uma prova de noviço do modo wagneriano. Falta-lhe o cunho de originalidade e subjectividade philosophica que caracteriza as grandes composições da nossa epocha, assignadas por Wagner, Meyerbeer, Gounod, Weber, Halevy, etc.; nem prima pela intenção e verdade dramatica, nem pela unidade do estylo, nem pela firmeza das concepções, antes é pobre, fria e monotona em muitas situações, que seriam mais cuidadas se ao seu talento natural alliasse um pouco de attenção e de estudo; entretanto tem esta *partitura* bellezas de primeira ordem em toda a sua instrumentação, e bastaria o 2.º acto para merecer um logar distincto entre as composições wagnerianas.

Os trechos mais notaveis da opera são os seguintes:

No 1.º acto — a strofe *La bella Astrea*; toda a scena de entrada de Bois-Doré *Conte di conoscervi*; o côro em tempo de walsa *Cantiamo, si cantiamo* e o magnifico arioso *Regina di beltà*; e o septimino. Todo o 2.º acto é bello e desenvolvido com maior franqueza a começar pela mimosa scena da *toilette* e a romanza *È lo stesso candore*. Devia seguir-se aqui o baile, mas as conveniências de bastidor e não sei que outras, alteraram a situação do drama, passando tres scenas. Toda a musica do baile é deliciosa e magistral, quer nos effeitos da instrumentação, quer na delicadeza melodica.

O 1.º adagio da 1.ª bailarina é de grande belleza, nem ha trecho que não mereça attenção em todo o bailado. É talvez n'este genero que mais se revela o talento do compositor.

É linda a arietta *Fra bei giardini fioriti*. É grandiosa e magnifica de subjectividade descriptiva toda a scena da *buena-dicha* e a scena que se lhe segue: *Mario, l'avvicina*. No 3.º acto as strofes *Il mio labbio apprende* são desenvolvidas sobre uma melodia de Gretry. A serenada *Come l'alba lontana*. O duetto, de situação identica á dos *Huguenotes* e com grandes reminiscencias de Meyerbeer: *Ah! fuggi d'Alvimar*.

No 4.º acto: quarteto *Non vedo quel che aspettava* e a melodia *Ah! se l'amo!*

Nos desenvolvimentos melodicos encontramos suaves reminiscencias, que se não podem considerar plagiarios. Mozart imitou de Back, de Gluck e de Haydn. Beethoven imitou ou impressionou-se em Mozart. Rossini imitou Cimarosa e mais contemporaneos. Meyerbeer imitou Rossini na sua primeira fórma e depois Weber. Wagner imitou Beethoven, Weber, Haydn e Gluck. Verdi imitou Rossini, Donizetti e Bellini nas suas primeiras fórmas e depois Meyerbeer e Wagner.

O talento, a actividade e o patriotismo do snr. Machado poderiam, mui gloriosamente, produzir a nossa nacionalisação musical.

Conhecemos que o seu tentamen *Maria da Fonte* — cantado no theatro do Gymnasio — não agradou; mas tambem o *D. João Tenorio*, *Vestal*, *Barbeiro de Sevilha*, *Norma*, *Oberon* e outras operas não agradaram nas primeiras audições, e entretanto todos sabemos quanto valem na historia do drama musical os nomes de Mozart, Spontini, Rossini, Bellini e Weber.

Ainda não está estudada a melodia portugueza. Stafford dizia ¹: «O povo portuguez tem arias de uma grande belleza e antiguidade»

¹ *History of music.*

de. Estas arias nacionaes a que chamam *lunduns*, *modinhas*, etc., em nada se assemelham ás arias das outras nações; a sua modulação é totalmente original. As melodias portuguezas são simples, nobres e muito expressivas ».

Já em fins do seculo passado a estolidissima moda tinha introduzido o mau gosto de cantar, com letra portugueza, todos os trechos melodicos das operas italianas ao som das guitarras, mandolins e violas francezas. Á frente d'estes artcidas capitaneava um tal Schiopetta, que, com a musica da scena da sombra de Nino, na *Semiramis* de Rossini, cantava os conhecidos versos :

*Sobre um rochedo
que o mar batia, etc.*

assim como a *Joven Lilia abandonada* com a musica de um côro do 5.º acto da mesma *Semiramis*.

E assim acabou a melodia nacional.

Portugal pôde gloriar-se, talvez, da prioridade da opera, pois que em meado do seculo XVI já a sustentava com esplendor de scenario, de machinismo e ornamentação e com todos os grandes elementos da arte: a musica, o canto, a dança. Muito antes do *Balet de la Reine*, que se dá como origem da opera em França (1580), e muito antes da *Euridice* em Italia (1595) já se cantava em Coimbra o *Sedecias* para festejar a visita de D. Sebastião.

Em fins do seculo passado e principios do nosso, além de muitos theatros particulares e de muitas salas onde se cantavam operas, contavamos oito theatros lyricos: Academia da Trindade — Paços da Ribeira — Ajuda — Salvaterra — Queluz — Rua dos Condes — Salitre — S. Carlos.

Os nossos archivros musicaes foram os primeiros do mundo e para sufficiente prova bastaria a 1.ª parte do Catálogo de el-rei D. João IV.

Tres grandes cataclysmos nos aniquilaram: o dominio hespanhol, 1580-1640 — o terremoto de 1755 — e a invasão franceza, 1807-1810.

A melodia portugueza ainda pôde ser estudada e restituída aos seus primitivos esplendores. A canção de S. João, em Beja, por exemplo, tem um cuinho de originalidade antiquissima; alguns pretendem dar-lhe uma origem arabe, outros porém ainda a julgam de character anterior ao dominio musulmano, cujo typo caracteristico se revela hoje no modo hespanhol — a *malagueña*, a *seguidilla*, o *bolero*.

Nem seria para admirar que em Portugal se encontrasse melo-

dia mais archaica do que em Hespanha, visto que tal phenomeno se dá com a lingua portugueza, que tem muito maior cunho de antiguidade pelas suas fórmas archaicas, segundo o testemunho de um notavel glottologo allemão ¹.

Tendo os nossos antepassados turdetanos, monumentos escriptos de uma antiquissima tradição: poemas, chronicas e leis em verso de uma antiguidade superior a 60 seculos, ou seis mil annos ², e sendo muito dados ao canto e ás danças, não seria de todo impossivel que ainda, através de tantos seculos e evoluções, chegasse até nós uma alteradissima característica melodica dos tempos passados.

Desculpe-se-nos esta digressão; mas assim como não accetamos a influencia phonetica da lingua arabe, tão pronunciada na lingua castelhana, a despeito da opinião de Diez, tambem não accetamos a sua influencia musical tão diversamente accentuada no typo hespanhol.

A melodia nacional portugueza deve ser estudada e desenvolvida.

Glincka, o chefe da escóla ou modo russo, recolheu as melodias nacionaes passeando pelas vastas provincias da Russia e formou o typo melodico russo na sua mimosa opera — *A vida pelo Czar*.

Não será ainda occasião de nacionalisar a opera portugueza? Pois se até a Suissa, encravada na Allemanha, na França e na Italia, participando na lingua, na musica e nos costumes, dos seus affins, reclama a sua nacionalisação musical, ³ porque não ha de Portugal, com uma historia tão gloriosa na arte, reconquistar a sua melodia, o seu modo, a sua escóla, a sua nacionalisação musical?

A opera *Laureanna* é um diploma de mestre, principalmente na sciencia de instrumentar. Com o seu provado talento póde o snr. Machado ser para Portugal o que Glincka foi para a Russia.

JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

¹ Delius, *Romanisch Sprach-familie*, pag. 31. Apud Diez.

² Strabão, L. III, cap. II. Apud Garrett, *Obras*, vol. XXIV.

³ George Becker, *La musique en Suisse*. Genève 1874.

ENSAIO DE PREHISTORIA

DA

LITTERATURA CLASSICA ALLEMÃ

VII

A reacção operada pelo concilio ia produzindo os seus fructos. Logo depois de encerrado elle, — Pio v, Ghislieri, que de inquisidor tornára-se papa em 1566, publicou a celebre bulla *in Cena Domini*, na qual o pontífice romano foi declarado supremo senhor e protector do mundo, assim no espirital como no temporal, com poder sobre todos os principes e reis e imperadores. A Reforma negava a auctoridade, o papa affirmava-a sem limite algum. Era uma *these* e uma *antithese* sem *synthese* possível.

A despeito porém de todos os esforços em contrario, o espirito da Reforma penetrára até na Italia. A historia dá testemunho d'uma porção de italianos, que n'aquelle tempo abraçaram as doutrinas reformistas, trataram de ensinal-as, mas não sendo entendidos, foram queimados, ou viram-se obrigados a fugir para a Allemanha. Entre elles figura brilhantemente a genial escriptora e philologa, Olympia Fulva Morata, de quem existem obras em latim e grego, não só em prosa como em verso, e cuja morte, que foi narrada por seu marido, o allemão Andreas Gonther, em uma carta latina, fez Settembrini dizer: — «Io non sè se i papi e i cardinali del

Cinquecento morivano con la fede e la serenità di questa donna *eretica che chiamava Christo e vedeva tutto luce e fiori*».

Sem fallar de outros, como Pietro Martire Vermigli, Celso Martinengo, Pier Paulo Vergerio e Pietro Carnesecchi, basta lembrar que o grande Bernardino Ochino de Siena, geral dos capuchinhos, teve tambem de obedecer á influencia do tempo; e este santo homem, como diz o citado historiador da litteratura italiana, com cincoenta e quatro annos, já de cabellos brancos, prestes a ser feito principe da Igreja, viu-se de repente... *dipiuto come un eretico, un libertino, un furfante!* Coisas de jesuitas!

Em todo o caso, é certo que a Reforma penetrando na Italia, não pôde produzir grandes effeitos.

A Igreja soubera tomar as suas precauções e empregar as suas medidas. Settembrini pretende explicar este facto por um modo, que é digno de reflexão. Elle diz o seguinte:— «A raça germanica, com a vaidade de um joven, que rompe o freio do confessor e do padre, faz a revolução religiosa e se gloria d'ella como de uma enorme proeza; a velha raça latina, porém, pouco se importa com isso, porque os seus pensadores já foram além da Reforma, e porque ella ruma então uma revolução muito mais vasta e comprehensiva...»

Taes palavras só podem ter sido dictadas pelo despeito. O que tem que meia duzia de italianos se tivessem mostrado infensos a Roma, se todos elles, nem com seus actos, nem com seus escriptos, nem mesmo com a sua morte, conseguiram jámais abalar a auctoridade de Roma? A questão não era que um pequeno circulo de pensadores professasse doutrinas *hereticas*, porém que o povo christão, uma grande parte do povo christão, as commungasse tambem; só isso era capaz de ter uma significação historica. Mesmo depois da Reforma, é possível, por exemplo, que um Giordano Bruno chegasse muito além da ideia do reformador; mas o que fez elle? Simplesmente morrer queimado. Isto é pouco. Das suas cinzas nada brotou de util á humanidade. A Igreja, que o mandou queimar, é a mesma que hoje existe, com todas as suas pretensões, e que ainda hoje ordenaria de qualquer *hereje, ut quam clementissime et citra sanguinis effusionem puniretur*, isto é, que fosse levado á fogueira, se tal poder lhe concedesse o Estado.

As palavras que o illustre martyr proferiu ao ouvir a sua condemnção... — *majori forsitan cum timore sententiam in me dicitis, quam ego accipiam*, — são celebres apenas como *phrase*. Infelizmente porém não deixam de ter igual celebridade as que escreveu a respeito d'elle Gaspar Scioppio, tedesco lutherano catholificado:— *hic itaque modus in Roma est, quo contra homines*

impios et monstra hujusmodi procedi a nobis solet. Bruno enganara-se: os seus juizes não sentiram medo algum de condemnal-o, quando os crentes de então acham tão merecida a sua morte.

A ideia de Settembrini é de todo inaceitavel. E ninguém melhor a refuta, do que elle mesmo; pois é elle tambem que assim se exprime:—« Olhai para a velha Europa e para a joven America; onde encontraes povos que acceitaram a Reforma e a razão, ahí tambem encontraes moral, religião, liberdade, força riqueza, trabalho;—onde porém os povos permaneceram obedientes á auctoridade do papa, ahí só ha corrupção, superstição, servilismo, decadencia... e bandidos. É inutil negar este factio:—Roma está no meio de um deserto, e vive de esmolas: Londres tornou-se o centro do mundo, gloriosa de trabalho e de riquezas ».

Não dissimulo que o famoso professor da Universidade de Napoles (que não era protestante) parece ter carregado as côres do seu quadro; mas no fundo existe verdade. E tanto basta para comprehender-se que a revolução religiosa de Luthero não foi simplesmente um acto praticado *con la boria d'un giovanotto che rompe il freno del confessore e del prete.*

Além de outros, a reacção catholica teve tambem o effeito, co-co já fiz notar, de acabar com o espirito da renascença. Os grandes poetas do tempo, Camões, Tasso, Cervantes, Lope de Vega, prestam-se bem ao estudo d'esse phenomeno. N'elles se observa como que o processo de transformação do espirito de uma no de outra época da mythologia pagânica na mythologia christã. Sem fallar na bem conhecida intervenção de Venus em prol dos propagadores da cruz, cabe aqui recordar que na *Galatea* de Cervantes, na *Arcadia* de Lope de Vega, os templos dos deuses e os claustros apparecem ao lado uns dos outros. Nem é de admirar que os poetas ceddessem assim ao influxo de duas intuições diversas, quando a mesma classe sacerdotal não estava isenta d'elle. Conta Fra Paulo Sarpì que no concilio de Trento, um latinista, dando o seu voto sobre o dogma da unidade de Deus, accrescentou sorrindo:—*Si Diis placet!* Isto é caracteristico.

A intuição da contra-Reforma só chega a fazer-se completamente valer—em Calderon, uma geração depois de Cervantes (1600-1681). Mas ainda n'elle mostra-se uma dupla natureza:—elle confessa os artigos de fé da sua Igreja e sabe utilisal-os com habilidade; porém nem todo dia é festa de santo, e o poeta não despreza a mythologia pagânica. Um grande numero das suas peças tratam de themas tirados de Ovidio; ahí não se falla de cruz, mas de Baccho, Venus, nymphas e oreades; e até parecê que n'estas imagens elle move-se com mais prazer do que nas legendas christãs.

Entretanto é só pela leitura de Calderon que se comprehende

perfeitamente o odio da Reforma contra a santificação pelas obras. Onde o poeta se aproxima do suprasensível, encontra-se a mais vulgar idolatria, a adoração do pau e da pedra. Na *Devocion de la cruz*, por exemplo, o fim é tornar bem claro que não ha crime, não ha corrupção intima bastante forte para extinguir a efficacia da graça, que sae do santo madeiro. Eusebio, um assassino e chefe de salteadores, esteve desde moço debaixo da protecção da cruz; em reconhecimento elle tambem nunca deixou de ajoelhar-se, onde quer que a visse. Se pretendia commetter um assassinato e se lhe apresentava o signal da cruz, retrocedia immediatamente. Eusebio morre em um combate e morre *sem confissão*; pelo que iria parar no inferno, se não fossem os milagres da cruz. Da sepultura elle grita por um padre, a quem, por força da devoção, havia poupado a vida, e que lhe tinha promettido não deixal-o morrer *inconfesso*. Dito e feito. Não obstante a immensa distancia o padre acode ao appello; Eusebio sae do tumulo, confessa-se, recebe a absolvição e entra assim de novo nos dominios da *graça*! Para dar a verdadeira côr a esta doutrina da expiação do peccado por actos de fé externa, brilhavam no fundo do quadro as chammas das fogueiras, em que, no meio do jubilo da multidão, os herejes eram queimados em honra e gloria da santissima cruz.

VIII

O espirito germanico protestante não tinha chegado a expandir-se de todo na Reforma allemã; não tinha achado a palavra adaptada á exacta expressão do seu sentimento. A Allemanha cedeu, n'este ponto, sua missão historica ao povo inglez, que lhe é consanguineo. Este era o unico dos povos mixtos, em quem o elemento germanico sobrepujou e absorveu o romanico. Sua língua tivera já no seculo xiv Wiclef, o precursor da Reforma, e Chaucer como dignos representantes.

Na terrivel guerra civil das *Duas Rosas* a nobreza normanda havia sido quasi extincta; uma forte burguezia tinha-se erguido na lucta. O *gothico* não recuára, na Inglaterra, diante da *renascença*, que só superficialmente influira no paiz. A separação de Roma não foi pesada a Henrique VIII; a Egreja por elle fundada tinha um character nacional e aristocratico.

Surgiu então do seio da velha Inglaterra o poeta, que devia representar a vida moderna contra a vida antiga, o Norte *vis-à-vis* do Sul, o mundo gothico em face do mundo romanico, emfim o es-

pirito dos *Nibelungen* ante o espirito da *Iliada*, e representar tudo isto com uma força, de que a moderna historia não conhece um outro exemplo.

Shakespeare (1564-1616) foi contemporaneo de Cervantes. Das suas relações com a cultura do tempo só é bem conhecido o estudo de Montaigne, cujos *Essays* appareceram em 1580. A sua technica, sobretudo nas primeiras peças, distingue-se pouco da dos dramaturgos inglezes coetaneos, que em parte eram de grande talento; e todavia, que distancia entre elles!

O verdadeiro genio é assim. Quaesquer que sejam os elementos, d'onde elle saía, entra sempre como uma maravilha no mundo dos phenomenos. Elle estava muito em contacto com os seus contemporaneos, para que estes tivessem qualquer presentimento da sua grandeza. Houve um tempo, em que elle foi esquecido; depois surgiu de novo. Desde então tem ido n'um constante augmento de importancia; e os allemães se podem orgulhar de haver achado para a figura do grande inglez a justa perspectiva, como elle tambem, mais que qualquer outro homem, tem fecundado a vida espirital allemã.

A atmospheria em que Shakespeare nos introduz, é legitimamente britannica. As peças que se occupam com a historia patria, pertencem ao numero das mais fracas, porém merecem ser estudadas, porque ellas mostram, como era disposta a vida, cuja lei o poeta revelava.

Quando Shakespeare escrevia, as guerras civis viviam ainda na lembrança publica. O velho mundo descera ao tumulo e sobre elle a herva tinha crescido, mas o avô narrava aos netos o que elle ouvira contar d'aquella terrivel geração, e os Tudors empregavam todo o cuidado para que o terror não cahisse em esquecimento: — o carrasco fazia parte dos mais importantes personagens da Inglaterra. Ainda brincava-se levemente com o sangue humano. D'um lado, crimes colossaes; — d'outro lado, penas barbaras: o juiz moralmente igual ao criminoso coberto de ferros. A isto accrescia o morbido horror d'um mundo subterraneo de feiticeiros e de espectros. Tal se mostrava a vida na Inglaterra, quando a consciencia foi abalada em suas alturas e em suas profundezas pela invasão do protestantismo.

Aquella época tinha tambem o seu lado luminoso. O povo possuia ainda a velha força germanica; a lingua não tinha desaprendido a dizer as coisas pelos seus proprios nomes, e preferia os mais asperos. Os homens eram capazes d'um riso cordial; ninguem se envergonhava de quaesquer emoções naturaes.

Como defensora do protestantismo contra a Hespanha, a Inglaterra tornou-se uma potencia europeia. Tudo que na Europa aspira-

va a liberdade, celebrou em Elisabeth a vencedora da *Armada*. Grandes pensadores, como Bacon, fecundavam a cultura geral e no mais fundo das almas vivia a antithese consciente do principio catholico da santidade das obras. A palavra de Luthero penetrou na Inglaterra; sabia-se da sua briga com o rei Henrique. Nem é em vão que Shakespeare faz o seu Hamlet estudar em Wittemberg.

Os inglezes em todos os tempos levaram vantagem ás outras nações no gosto e no talento de copiar a vida real com uma fidelidade photographica. Tambem n'este realismo Shakespeare é inexcidível: Falstaff e Shylock são typos, que não encontram iguaes em nenhuma litteratura. Mas o realismo em Shakespeare é sómente meio: seu fim é mostrar em typos a lei psychologica natural.

Entre os gregos o heroe tragico era *substratum* da força dos deuses ou do destino; no poeta inglez a culpa do heroe é o seu destino, e o seu character é a sua culpa. O fundo proprio do *tragico* repousa em que o heroe obra sob a coacção de sua natureza, e comtudo sente-se livre; sua acção é sua paixão, e esta lhe apparece como um acto. Quem pudera jámais esquecer aquelle terrivel monologo de Ricardo III! ? É accusador, accusado e juiz em uma só pessoa. Nenhuma circumstancia secundaria lhe pôde obscurecer o seu crime; elle julga não só de cada um dos factos, como julga tambem do character mesmo, d'onde os factos sahiram.

A tragedia da consciencia apresenta-se, por assim dizer, o mais palpavel que é possivel, nas peças de assumpto romano. A influencia de Livio, Plutarcho e outros é muito pequena. Cesar, Coriolano, Antonio... são inglezes. Shakespeare projectou no mundo romano as impressões moraes oriundas da guerra das *Duas rosas*.

Não é meu intuito, nem aqui teria cabimento, passar em revista todas as producções do poeta. Comtudo, não posso resistir ao desejo de fazer menção especial de duas das mais importantes.

(Continúa).

TOBIAS BARRETO.

BIBLIOGRAPHIA

CLOVIS BEVILAQUA — **A Philosophia positiva no Brazil** —
Recife 1883 — 1 vol. de 130 pag.

Merece séria attenção este livro que ultimamente nos chegou do Brazil, tanto pelo assumpto em si, como pela fórma elevada e independente com que o auctor o trata. Clovis Bevilaqua pertence á mocidade brilhante, que nos annos mais proximos surgiu animada pelo amor do estudo e lançando-se com enthusiasmo no caminho aberto por Tobias Barreto, Sylvio Romero e alguns outros apóstolos do movimento intellectual contemporaneo. Embebido no vasto oceano de theorias e de descobertas scientificas, posteriores a Comte, o espirito do joven pensador não se desnor-tea, embora tenda para o neo-metaphysicismo de Spencer; avalia bem o grande philosopho francez e comprehende que os dois ramos, em que se separou a escola positivista, o philosophico e o religioso, não satisfazem inteiramente as necessidades intellectuaes, creadas pelo espantoso progresso das sciencias nos ultimos tempos. Littré, representante do primeiro, não se ergueu ao verdadeiro ponto de vista de conjuncto, limitando-se a sancionar com a sua auctoridade academica a synthese objectiva; pelo contrario o segundo, o grupo de Laffitte, prendeu-se ás applicações demasiadamente prematuras e portanto utopicas de uma religião demonstrada. Do ramo littreista diz Clovis Bevilaqua: «sua missão foi aunar o pensamento geral da doutrina comtista e as conclusões a que chegaram outros não menos profundos pensadores; e essa operação, me parece, já vae em meio e se terminará naturalmente, sem lucta e sem esforço; mais ainda, a despeito de obices que lhe queiram erguer as suggestões de caracter puramente individual. Attente-se para a revista de M. Wyruboff. Está a marejar-lhe de todos os poros a verdade d'esse facto aliás não confessado». (pag. 41) Effectivamente confrontem-se os derradeiros numeros de *La Philosophie positive*, em particular os magistraes artigos de Wyruboff, com os numeros publicados sob a direcção de Littré, e reconhecer-se-ha logo a deficiencia do ponto de vista d'este ultimo.

Littré ficou áquem das necessidades mentaes do nosso tempo; Laffitte, cahindo no vicio opposto, vae além, perde-se na systematisação religiosa. Clovis Bevilaqua, chegando a esta conclusão verdadeira, escreve: «Não longe da hora actual por certo surgirá uma nova synthese. Os elementos estão-se amontoando para esse fim. Por agora predomina o elemento dissolvente da critica. Virá mais tarde o elemento constructor, visto como o desenvolvimento do espirito colectivo, da mesma fórma que o individual, é sempre um trabalho de organização penoso e demorado, segundo um principio hoje vulgarizado.

«Comprehendo o momento scientifico actual assim: o metro do positivismo já é pequeno para conter a sciencia moderna que se agita á procura de um novo apoio. Este será encontrado em uma synthese que conservará o que houver de definitivo na construcção de Comte e transformará ou substituirá o que as condições do tempo tornaram lacunoso ou falso». (pag. 29).

Muito bem. Sómente temos a fazer duas considerações: o elemento constructor não vem mais tarde; embora predomine ainda o elemento dissolvente da critica, o elemento constructor subsiste desde muito e desenvol-

ve-se progressivamente, approximando-se o momento em que este ha de supplantar aquelle e implantar-se de um modo definitivo. O metro do positivismo tambem não é pequeno para conter a sciencia moderna; antes se póde chamar illimitado, porque se alarga á medida que a sciencia conquista terreno ao desconhecido; na synthese objectiva traçada por Augusto Comte no seu *Cours de Philosophie positive* cabem todos os avanços realisados e a realisar no campo das sciencias abstractas. Emquanto á synthese subjectiva, iniciada pelo mesmo philosopho, ha muito a aproveitar nos seus trabalhos ulteriores desde o momento em que se escolham as verdades positivas, desprendendo-as das applicações cultuaes feitas « para um mundo ideal que nunca se realisará » como diz Wyrouboff, apesar de logicamente deduzidas. De facto, como affirma o joven escriptor brasileiro, deve-se conservar a parte definitiva da construcção philosophica de Comte, e transformar ou substituir « o que as condições do tempo tornaram lacunoso ou falso ». Estas ideias serão mais desenvolvidas quando nos occuparmos do *Systema de Sociologia* recentemente publicado pelo nosso mestre e amigo Theophilo Braga.

Estudando o movimento intellectual do Brazil, Clovis Bevilaqua constata o seguinte no *departamento scientifico*: « Este ultimo decennio chofrou-nos sobre elle por intermedio do positivismo. Eis ahí a immensa divida que contrahimos com a philosophia de Comte. Foi ella a energia primeira, o *nus formativus* d'esse movimento que veio arrancar-nos d'isso que Chenier chamava *volupté sage et pensive et muette*, e mostrar a immensidade de umas quantas frandulagens bulhentas, com que a metaphysica costumava illudir nossa curiosidade scientifica ». (p. 64) No norte do Brazil a corrente positivista, profundamente dominada pelo ramo de Littré, tende hoje de mais em mais para o-evolucionismo; pelo contrario, no sul, o movimento intellectual, tendo a mesma origem, descambou para a religião da humanidade, para o ramo de Laffitte, e cahiu ha poucos mezes na orthodoxia mais exagerada. Hoje mesmo nos veio ás mãos uma *Circulaire collective adressée à tous les vrais disciples d'Auguste Comte*, na qual o centro positivista do Rio de Janeiro participa o seu rompimento com Laffitte em consequencia d'este não seguir ás cegas todos os preceitos do mestre! Os positivistas do sul do Brazil são acerrimos comtistas, ou na phrase popular, *são mais papistas do que o papa*. E no emtanto ha entre elles bellas intelligencias, como Miguel Lemos, um sociologista de merecimento, e Teixeira Mendes, uma capacidade mathematica. É o que mais nos surprehende.

Clovis Bevilaqua, depois de passar em revista o movimento litterario e scientifico do imperio, chega á conclusão de que não encontrou uma obra original ou de folego em toda a marcha do positivismo. « Sua influencia sobre a desenvolução da mentalidade brasileira, escreve elle, passou bem depressa, tão velozmente, que não teve tempo para inspirar a criação de uma obra larga e duradoura, uma obra que se alevantasse soberana no meio de nossa pequenez. Os melhores espiritos, que o receberam avidos, anciosos, no primeiro momento, já o abandonaram de todo como guia ou já não lhe dedicam uma fé ardente, absoluta, que não empana a nuvem de uma duvida sequer ». (p. 103) Ainda é cedo. O positivismo não passou, antes começa agora a produzir os seus salutaes effeitos, tanto no Brazil, como no velho continente; a verdadeira philosophia positiva não se reduz ao methodo objectivo de Littré, nem comprehende as divagações religiosas de Comte e de Laffitte; o positivismo, levado á sua completa systematisação, é que ha de dirigir a futura reorganisação social. O livro de Clovis Bevilaqua encerra factos comprovativos d'esta nossa opinião.